ILUSTRAÇÃO

MOLHADO ATÉ AOS OSSOS (Quadro de Sousa Pinto)

1-MAIO-1939 N.º 321 — 14.º ano PREÇO-5 escudos

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

Álgebra Elementar, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 págs.. 13$00

Aritmética Prática, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. ..... 13$00

Desenho Linear Geométrico, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. ..... 12$00

Elementos de História da Arte, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. ..... 25$00

Elementos de Mecânica, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. ..... 12$00

Elementos de Metalurgia, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 pág., com 121 grav. ..... 20$00

Elementos de Modelação de ornato e figura, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav. e 30 est. 12$00

Elementos de Projecções, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. ..... 18$00

Elementos de Química, pela Direcção da Biblioteca de Instrução Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. ..... 15$00

Escrituração Comercial e Industrial, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs., ... 12$00

Física Elementar, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. ..... 15$00

Geometria Plana e no Espaço, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs., com 273 grav..... 15$00

O Livro de Português, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. .... 12$00

MECÂNICA

Desenho de Máquinas, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est..... 30$00

Material Agrícola, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras..... 15$00

Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav..... 15$00

Problemas de Máquinas, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 pág, com 170 grav..... 18$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos das construções, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 356 págs., com 168 grav... 17$00

Alvenaria e Cantaria, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. 288 págs., com 337 grav..... 15$00

Cimento Armado, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 684 págs., com 356 grav..... 28$00

Edificações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 191 grav. ..... 17$00

Encanamentos e Salubridade das habitações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras ..... 15$00

Materiais de Construção, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav..... 30$00

Terraplenagens e Alicerces, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 pág., com 230 grav. ..... 15$00

Trabalhos de Carpintaria Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 410 pág , com 464 grav. ..... 20$00

Trabalhos de Serralharia Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 360 pág., com 442 grav.... 18$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

Construção Naval, IV volume (Construção de navios de ferro) pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 pág., com 298 grav., formato 16 × 22..... 12$00

Construção Naval, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 pág., com 138 grav., formato 16 × 22 ..... 12$00

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de Automóveis, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.

Condutor de Máquinas, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. ..... 25$00

Electricista (Novo Manual do), pelo eng. Hugo Pinto de Morais Sarmento — 1 vol. com 436 págs. e 246 grav..... 25$00

Fabricante de Tecidos, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs., com 342 grav. ..... 25$00

Ferreiro, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 115 grav. e 34 estampas..... 15$00

Fogueiro, pelos eng. António Mendes Barata e Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav..... 18$00

Formador e Estucador, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras .. .. 12$00

Fotógrafo, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav.... 12$00

Fundidor, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15$00

Galvanoplastia, por André Brochet, tradução de Manuel Véres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav..... 18$00

Marceneiro, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas..... ..... 20$00

Motores de Explosão, (Combustão interna) pelo eng. António Mendes Barata — 1 vol. de 516 págs., com 409 grav.. ..... 30$00

Navegante, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs., com 139 gravuras..... 15$00

Pilotagem, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 360 págs., com 119 gravuras ..... 17$00

Serralharia Mecânica, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs , com 395 grav ..... 20$00

Topografia e Agrimensura, pelo coronel Guedes Vaz e tenente-coronel Mousinho de Albuquerque — 1 vol. de 434 págs., com 282 grav. ..... 22$00

Torneiro e Frezador Mecânicos, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav ..... 17$00

Vocabulário de Termos Técnicos, pelo eng.-maquinista Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs ..... 30$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria Alimentar, por Pedro Prostes — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. 14$00

Indústrias de Fermentação, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 180 págs., com 72 grav..... 14$00

Indústria de Sabões e Sabonetes, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 25 grav. .... 10$00

Industria do vidro, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 212 págs., com 111 grav ..... 15$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND-Rua Garrett, 73-75-LISBOA

GRAVADORES
IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO
Editor: José Júlio da Fonseca
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES 3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ACABA DE APARECER
a 2.ª edição de a verdadeira história e vida da

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)
1820-1846
POR **JÚLIO DE SOUSA E COSTA**

1 vol. de 208 págs., com uma artística capa a côres do pintor ROBERTO SANTOS, um retrato da Severa e uma gravura da casa onde ela morou, **Esc. 8$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 8$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

PAULINO FERREIRA
:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem arthritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

Acaba de ser posta à venda a **10.ª** edição de

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

PELO **DR. ANTERO DE FIGUEIREDO**

Obra admirável de emoção e beleza literária

1 vol. de 378 páginas, com uma capa artística a côres e oiro, de ALBERTO DE SOUSA, **Esc. 12$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 14$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde
Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS
Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES, DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... **15$00**
Pelo correio à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ÀS MÃES PORTUGUESAS

Acaba de aparecer, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15$00**; *enc.,* **Esc. 20$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 1$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O jornal de maior reportagem mundial

Paris-soir

TODOS OS DIAS 70 CENTAVOS

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR Fernando Perfeito de Magalhães
Com um prefácio do **Prof. Dr. Agostinho de Campos**

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. **Esc. 10$00**
Pelo correio à cobrança **Esc. 11$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., **Esc. 12$00**; enc., **Esc. 17$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A primeira obra comemorativa do terceiro centenário da Restauração

ACABA DE APARECER

A RESTAURAÇÃO

POR **EDUARDO BRASÃO**
Da Academia Portuguesa da História

Relações diplomáticas de Portugal de 1640 a 1668

1 vol. de 480 págs. com um magnífico retrato do rei D. João IV, broc. **Esc. 18$00**
Pelo correio à cobrança . . **Esc. 20$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

1-MAIO-1939
N.º 821 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30—LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A MISTERIOSA PERDA DO PAQUETE "PARIS"

INCENDIOU-SE misteriosamente no Havre o grande paquete francês *Paris* que transportava, além de dez aviões, comprados pela França à América do Norte, jóias e obras de arte avaliadas em 75 milhões de francos que eram destinados à Exposição de Nova York. Todo êste recheio se salvou, felizmente.

Qual seria a causa do sinistro?

Tratar-se-ia de um curto circuito? Ter-se-ia originado o fogo na padaria do navio, onde tudo funciona elèctricamente?

Embora o comissário do Havre se inclinasse para esta última hipótese, o prefeito do Sena Inferior é de opinião de que a origem do incêndio não podia ter sido casual.

E as hipóteses fervilham...

Vem a propósito dizer que, em nove anos, a França perdeu cinco grandes barcos, ficando a origem dessas catástrofes envoltas no mais denso mistério.

No dia 22 de Maio de 1930 perdeu-se o *Ásia* no Mar Vermelho, arrastando numerosas vítimas.

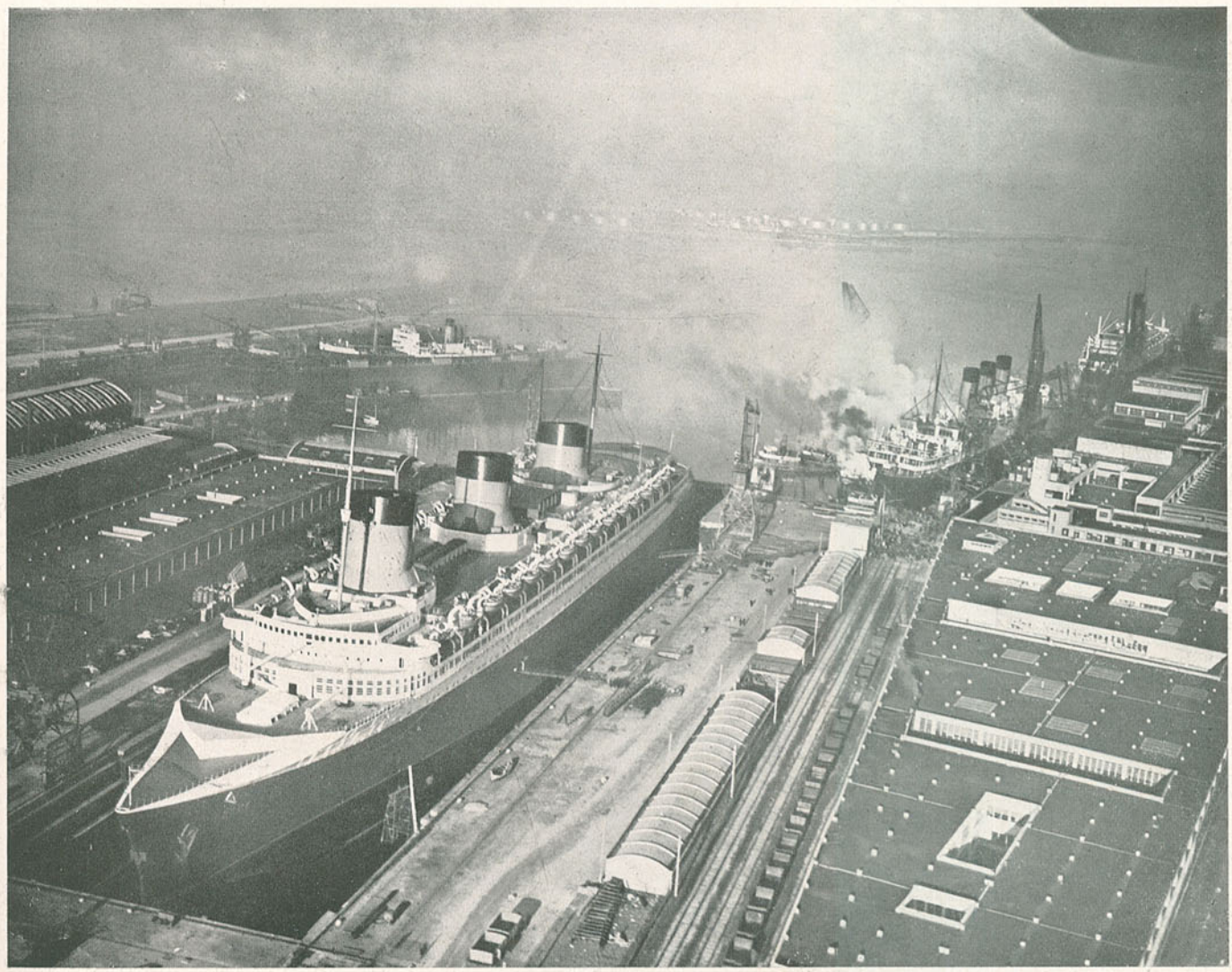
Dois anos depois, isto é, em 16 de Maio de 1932, perdeu-se o *George-Phillipar*, no Oceano Índico, perecendo muitos passageiros.

No ano seguinte, em 4 de Janeiro, perdeu-se o *Atlantique* ao largo do pôrto de Cherburgo.

No dia 5 de Maio de 1938 perdeu-se o *Lafayette* no pôrto do Havre.

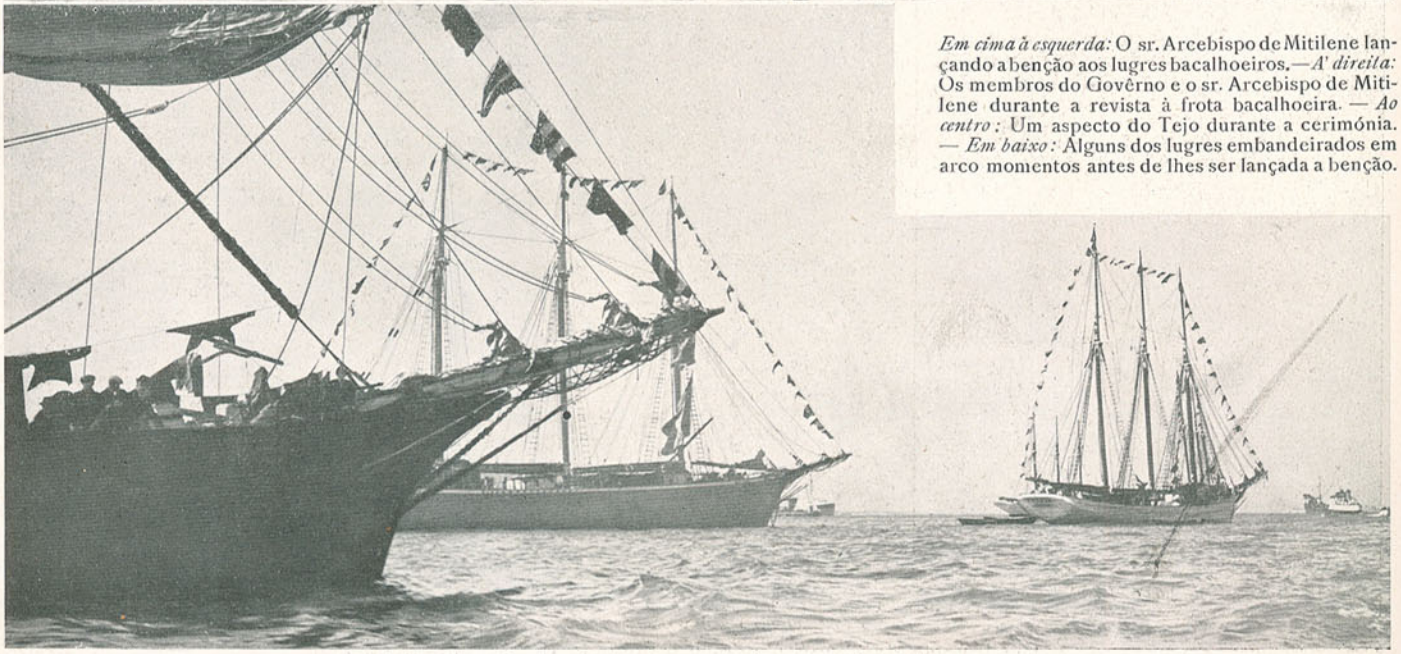
Agora, perde-se o *Paris*. Como explicar mais êste mistério?

As autoridades competentes procuram afincadamente apurar a verdade, na intenção de evitar futuras catástrofes...



Um aspecto do Havre, vendo-se o paquete «Paris» em chamas

A BENÇÃO AOS LUGRES BACALHOEIROS



Em cima à esquerda: O sr. Arcebispo de Mitilene lançando a benção aos lugres bacalhoeiros.—*A' direita:* Os membros do Govêrno e o sr. Arcebispo de Mitilene durante a revista à frota bacalhoeira. — *Ao centro:* Um aspecto do Tejo durante a cerimónia. — *Em baixo:* Alguns dos lugres embandeirados em arco momentos antes de lhes ser lançada a benção.

NOTAS DA QUINZENA

O chefe do Estado na presidência da sessão inaugural da «Semana das Colónias», na Sociedade de Geografia. Na gravura, vê-se o sr. major Carvalho Viegas, governador da Guiné que proferiu uma interessante exposição sôbre a colónia da Guiné, a colónia com «superavit» e em franco progresso

O eminente escritor dr. Júlio Dantas discursando na inauguração da exposição do IV Centenário de Garcilaso de la Vega, na Biblioteca Nacional — A' direita: Os membros da associação «Le Génie Français» que vieram visitar Portugal, no Instituto Francês

Grupo de meninas que tomaram parte, há dias, na festa realizada em casa do sr. engenheiro Ernesto Bastos, consul da Romenia. *(Foto Serra Ribeiro).*

ECOS DA QUINZENA

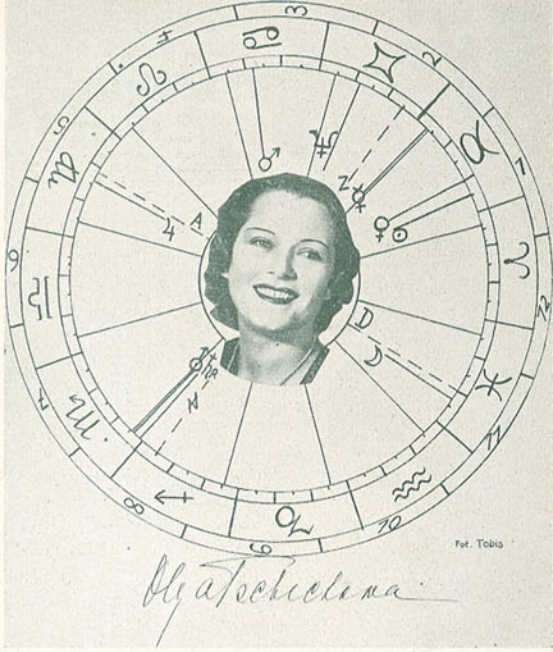
O grande tenor António de Andrade, no dia do seu 85.º aniversário natalício, recebendo na sua residência na Calçada da Estrêla as pessoas que o foram cumprimentar. Tôdas essas pessoas ali foram levar-lhe as congratulações e as homenagens de que é crèdora a figura inconfundível do grande artista lírico, cuja glória ecoou por tôda a Europa. Nessa pequena sala tôda ornada de tão preciosas relíquias pairou um murmúrio de evocações que se fizeram com respeito e com admiração e quási com religiosidade.

Em cima: O navio-escola «Mircea», da Armada romena, acabado de construir em Hamburgo e que visitou o Tejo. Êste barco é à vela e a motor. — *Em baixo:* O comandante August Roman saindo de bordo para ir apresentar os cumprimentos oficiais nos ministérios da Marinha e dos Negócios Estrangeiros, no Govêrno Civil, Câmara Municipal e governador militar.

O sr. ministro da Marinha saindo do hidro-avião «Yankee Clipper» que regressou da viagem ao norte da Europa, amarando na base aero-naval de Cabo Ruivo. Êste avião voltava da viagem experimental para o estabelecimento das carreiras entre a Europa e América do Norte.

COMO NOS TEMPOS DA IDADE MÉDIA

O CURIOSO HORÓSCOPO DE OLGA TCHECOVA



PARECE que voltamos aos supersticiosos tempos da Idade Média, em que o destino era revelado por horóscopos.

Agora é o astrólogo Ra Sabini Yog que nos vem revelar o destino da encantadora estrêla cinematográfica Olga Tchecova.

Diz êle:

"Olga Tchecova nasceu numa tarde de Abril — dia 26 — e feitos os necessários calculos tão complicados como misteriosos, verificou-se que na hora do seu nascimento subia pelo Este o signo da Virgem.

A sua estrêla dominante, portanto, é o planeta Mercúrio.

Na mitologia, Mercúrio representa a astúcia, que todos consideram como o inspirador da gente de mau carácter e de proceder nem sempre honrado.

No entanto, a encantadora Olga não merece isto.

É que, em astrologia, Mercúrio tem uma significação completamente oposta. Este planeta concede a todos os seus protegidos sabedoria e talento oratório. Os seres nascidos sob a sua influência fazem os seus estudos com a maior facilidade e os seus conhecimentos atingem variadíssimas facetas.

Como Mercúrio se encontra na constelação de Touro, muito perto das estrelas fixas Argool e Pléiade, indica a ameaça de perigos.

Mas como Júpiter — êsse formidável Júpiter — é o ditador tirano das estrêlas, e se encontra exactamente no ponto do nascimento, a 12 graus da Virgem, converte-se em bom guardião, e faz com que tudo se conjure, e que os perigos sejam reduzidos a nada. Devemos salientar que esta posição de Júpiter é tão extraordinàriamente rara que dificilmente se repetirá em qualquer outro horóscopo.

Júpiter ajuda o mortal a adquirir poder e riqueza, e graças à sua influência leva-o a empreender numerosas viagens.

Assim se explica que a formosa Olga Tchecova, nascida na Rússia, tenha viajado e percorrido o mundo inteiro, e tenha conseguido alcançar a glória fora do seu país.

O facto de Júpiter formar em Virgem com a conjunção do Sol e de Vénus um trígono perfeito, é o bastante para assegurar à artista grandes êxitos na sua actividade, e influir na sua fortuna de uma tão decisiva maneira que representará uma sólida garantia a velar por ela até na sua velhice.

Por outro lado, esta posição das estrêlas contribui para que esta formosa mulher sinta profundamente a dôr humana, uma viva simpatia pelos desprotegidos da sorte, e que na sua alma palpite um elevado sentimento ante tôdas as causas em que reinem a justiça e a probidade. Se Olga Tchecova tivesse seguido a vida forense, teria sido uma grande advogada, e conseguiria ganhar tôdas as causas em que interviesse.

Verifica-se que nunca repele os que se aproximam dela a pedir auxílio. Os planetas certificam êste facto.

A Lua está situada aos nove graus de Piscis, e, ao mesmo tempo, na casa sétima do horizonte e na undécima posição do Sol. Isto nos explica que Olga Tchecova tenha conseguido realizar tão extraordinários êxitos artísticos e apresente essa atracção pessoal tão sua que lhe faz grangear tantos amigos e admiradores.

Do facto de as constelações de Peixes e Toiro formarem um sextil, a Lua conserva a mesma posição favorável com Júpiter por ascendente. Desta maneira, a data do nascimento de Olga Tchecova, encontra-se sob Júpiter e em frente da Lua.

Os astrólogos alegram-se com êste facto que anuncia felicidade, o mesmo devendo suceder com os numerosos admiradores da artista.

Marte, o grande dispensador de energias, de fôrça e de dinamismo, encontra-se de visita na casa de Caranguejos, a undécima do horizonte.

Um trígono com a Lua descendente, um sextil com o Sol, Vénus com o Toiro e um trígono com o planeta do destino: Urano, no signo passional de Escorpião, tornaram esta mulher uma grande artista.

Embora surgissem, mesmo assim, muitos obstáculos no seu caminho, ela conseguiu vencê-los, graças à sua fé constante e à sua férrea vontade.

Olga Tchecova é uma verdadeira enamorada dos constrastes e sente-se atraída pelos seres, cujo carácter esteja em oposição com o seu.

Não será muito feliz em amores, e deve ter sofrido muitas desilusões.

Verifica-se que quanto maiores são as dificuldades, maior é o empenho que ela sente em vencê-las, embora tenha de fazer sofrer muito por não amar e poder ser amada como desejaria. Acalenta um grande desejo de ser compreendida e de poder mostrar-se tal como é na realidade. Gostaria de oferecer o seu coração, que é como o de uma criança, mas não conseguirá nunca encontrar quem seja digno dêle.

No mundo em que gravita, esta artista ficará sempre incompreendida, e ninguêm entenderá a sua grandeza.

Apenas a sua arte será a sua fiel e verdadeira amiga e só nela poderá confiar.

Olga Tchecova

Estátua de Brotero, por Soares dos Reis

Breves apontamentos

Quando o grande escultor

PARIS, neste regresso custoso, já não era o seu Paris. Ou a cidade se tinha modificado depois da guerra ou a sua visão se transformara. Esta sensação de desapontamento sente-a todo aquele que por lá se perdeu em estúrdias de mocidade ou paixões de estudante, quando a visita anos após, já mais sisudo ou menos iludido. E então, quando houve uma guerra de permeio, a decepção é angustiosa. Paris é a mulher mais voluvel do Mundo. Soares dos Reis compreendera-o nessa ocasião e, sósinho, sentado a uma mesa de terraço próximo do Sena, com a Notre Dame na frente e a massa augusta do Louvre a vigiar o arvoredo das Tulherias, ficou-se esquecido em cismas, ouvindo o passado e vendo o seu Paris de há quatro anos. Quatro anos apenas e tudo parecia longe!...

A gritaria da estudantada patusca e boémia por aquele cais além!... A algazarra do *4-z-arts*, das corridas a Robinson ou ás florestas de Barbison onde Millet se refugiara com os seus satélites!... Os bailes nas *guinguettes* da beira-rio, fora de portas, com barquinhos cheios de raparigas alegres, de pescadores á linha e de camaradas seus, atordoados de paixão!... E via êsses rapazes, com uma pasta de aguarelas debaixo do braço, um bengalório em punho, o cachimbo nos dentes e o chapéu á Murger sombreando-lhes a trunfa encanudada pelas amantes... Ou então, típicos *rapins* pobretanas, pitorescos com a sua boina de veludo negro e capindó romanesco, com as calças de bombazina talhadas em balão como as favoritas, a cabeleira a emoldurar-lhes a face de cera e a espreguiçar-se-lhes pelo cachaço abaixo, num desalinho composto que espicaçava o romantismo das moças dadas a macaquinhos no sotão e a aventuras boémias. Tôda aquela matilha barulhenta e feliz, enleada nos modelitos garotos de perna ao leu e beijos á solta, traquinas sem rei nem roque e indumentadas conforme calhava e Deus era servido, umas a deitarem para napolitanas de Montmartre e outras para safadonas de alcoice, pinturiladas como madamas ricas, doidivanas ao Deus dará da sorte e do amor, num gaudio que fazia bem ao peito só de vê-las rir, sem convenções nem cuidados, sem tristuras nem pensares, livres como os pássaros, porque a vida eram dois dias e enquanto se era fresca é que se devia gosar, visto depois de usadas não faltar cubículo de *consierge* para agasalho ou ninho de amigo para casa e pucarinho, tôda aquela matilha — pensava o nosso sonhador — tinha desfalecido numa miséria inesperada, de fome e perdição. Longe ia o tempo em que as raparigas das portas dos ateliês, iguais áquelas que deixara agora na Piazza di Spagna, sonhavam loucamente que e o mundo não desse uma volta, das trapeiras iriam parar a um palácio encantado, com corôa de duquesas e um pagem poeta.

Soares dos Reis, por António Carneiro

Atelier de Soares dos Reis quando da sua morte

Tôda aquela ramboia da mocidade, pagodeira e carnavalesca no aspecto, mas simpática de ilusões, ferira, é certo, a delicadeza acanhada do nosso antigo caloiro da Escola Imperial, *le grand portugais qui n'etait pas gai;* mas ainda assim, antes ela do que esta procissão de sexta-feira santa. Tudo era feliz, á sua maneira; sonho, louçania, boémia e ambições, sendo cada boca uma cantiga e cada cantiga um beijo que ia direito ao coração:

— «*Vivent les, étudiants,*
Ma mere!
Vivent les étudiants...»

e pelos cais fora, petiscando aqui, beberricando acolá, a caminho do Bairro Latino ou dos bailaricos de Montrouge, numa gralhadeira de marrecos á hora das migas, cada modelito era uma gata ciosa e cada pintor era um desejo sem polícia.

Os entusiasmos dos concursos! As febres, as canções, a esperança e as lutas das aulas, dando cada um o melhor de si, sem invejas, sem maldades, até á chegada do *patron*, o Mestre Amigo e Camarada, que guiava sem impor dogmas, morto pelo triunfo de todos no dia da estreia no *Salon!*...

Naturalmente os passos do nosso Artista dirigiram-se para a rua da antiga escola, matando saüdades e na mira de topar colega com quem recordar. Mas tudo tinha mudado. Lá encontrou no pátio grande, acocorados, mastigando côdeas, marralhando, os grupos de modêlos á espera de chamada: as velhas, atafetadas á maneira do Tirol, para que lhes pegassem para quadralhões de género, palrando num lamuriento charabiá italianisado, a descomporem, ciumentas, os velhotes gêbos, de guedelha longa e barbaças de profeta, magros que nem crucifixos espanhois, que de *brule-gueule* a sumir-se-lhes no pêlo da cara, nem resposta davam á taramela das matronas. Piemonteses e abrusinos, emigrados na mira de matar a fome sem muito esfôrço e sem mancharem a folha corrida, posavam para Ulisses e para S. Jerónimos, a três francos por sessão, visto a vida lhes ser madrasta e lhes ter faltado, em novos, a geiteira para armarem em bailarinos ou se pouparem para aconchegos de principesas, lá para as suas bandas, onde os garbosos são apreciados. E nas suas queixas, apesar da desventura que se adivinha nas mentiras, tudo eram contos de fadas e caramenholas presunçosas, ignorando a desgraça refletida no seu olhar baço, esfaimada de zelos e de quaisquer comodidades, fitando as pessoas como quem rumina na mocidade perdida, cheirosos a alcool e a miséria, parlapatando, embora, sôbre comesáinas e amores de folhetim.

sôbre Soares dos Reis

voltou ao seio de Paris

Pobres párias, pobres restos dum lixo sem sorte, que ali há anos, sem sairem da cêpa torta, aguardando pintor que lhes pegue ou doença que os atire á vala comum, causaram tal tristeza ao nosso Artista, que perdida a coragem de ir mais além do pátio, fugiu para o albergue, preparando as malas para seguir viagem! Não, não! Paris era outro!...

★

Ansioso por chegar a Portugal, apercebia-se dolorosamente de quanto ficara saüdoso de Roma, dos seus museus, do aspecto lúbrico e feliz da Cidade Eterna!...

A maior pena que tinha, era ver o seu pecúlio tão reduzido que não lhe permitia uma nova romagem pelas antigas cidades de Arles e de Nimes, que tanto o haviam contentado quando da sua estadia em França, assim como os museus de Lyon e mesmo o porto de Marselha, onde vagueara horas felizes, embalado em dôces pensares, subindo ao monte da Senhora de La Garde para dali ouvir, nas ondas, notícias duma aldeia pequenina, lá mais ao ocidente. E Deus sabe quanto gostaria de voltar a Londres, repetir o calvário da vadiagem por amor da arte, em cata de análises que, quando mais novato, não tivera a ventura de saber colher! Agora sim! que aprendera melhor o "quanto mais se aprende menos se sabe," por muito mais querer!...

A caminho dos Pirineus, contentou-se com as miragens fugídias duma ou outra tôrre de igreja, e nem em Baiona pudera parar para rezar á Catedral, não fôsse o diabo ser-lhe tendeiro e voltar a armar-lhe novo sarilho de esbirros! Atraído pelas famas dos quadros, preferiu estender a viagem até Madrid, não esquecendo de procurar a igreja de Santo Isidro, para admirar as belas obras do seu patrício Manoel Pereira, cuja imagem de S. Bruno na *calle* de Alcalá o exaltava a valer. A outra de Burgos, conhecia-a de estampa e ficaria para a primeira romagem fora de portas, como por sorte aconteceu e até a desenhara para a "Arte Portuguesa", dez anos depois, embora haja quem presuma, com justificados argumentos, ter sido delineada sôbre uma conhecida fotografia. Mas fôsse como fôsse, o seu génio não errava nas consultas. Depois, as afinidades de raça, nem sequer se discutem por comparações. Mesmo mudos, dois portugueses se entendem...

Bem-me-queres, mal-me-queres!
Estátua de Simões de Almeida — Desenho de Soares dos Reis

Soares dos Reis — Carvão por Carlos Reis

★

Passando por Lisboa — já agora era escravo ao itenerário feito, e por mais uns dias maior seria o prazer do regresso! — criou-se um núcleo de amigos com quem desabafara das peripécias da viagem. Leal como um forte, procurou estreitamento de afeições em favor dum ideal comum, porque vinha cheio de projectos, e assim a vitória dos artistas deveria servir a todos com igualdade. Mal familiarisado em enganosos convívios de colegas ou invejosos, quem lhe diria nessa hora, que tempos depois teria de se queixar dos tecedores de intrigas e de traições, dos tais *fistores* que contribuiram para a grande desilusão final! A êsse propósito falou-se muito pelos centros de cavaco, numas histórias de concursos e numas deslealdades de camaradas, que tanto pela frente o adulavam como pelas costas o codilhavam. Mas êstes pecados nasceram no Paraíso, e os dissabores é que dão razão ás virtudes. Se não houvesse maldade nos homens, reduzidos seriam os sentidos do Mundo e as feras nos governariam.

Águas passadas que já lá vão... ainda que de sujas deixassem nódoa!...

RUY DE ARAGÃO.

Retrato de D. Raquel Soares dos Reis (filha do escultor) pelo pintor Joaquim Lopes

Estátua do Conde de Ferreira, por Soares dos Reis

TEMAS DE HOJE

NADA MUDOU...

Pelo que a história nos conta e pelo que vamos vendo pela vida fóra, a humanidade nada tem progredido.

A civilização e o progresso são palavras sem sentido, para êste caso.

É tudo exterior, tudo tabuleta rèclamativa e mentirosa.

Que importa a fachada sumptuosa, se uma casa por dentro é um pardieiro desmantelado?

Que significam os fatos ricos, elegantes, como encadernação luxuosa de um livro idiota, se por dentro de nós a treva se opõe á luz, se não queremos ver a beleza dum gesto sublime e nos rebaixamos por uma ambição torpe e muitas vezes ridícula.

Que valor tem o brilho duma joia falsa, quando trazemos na alma tesouros maravilhosos de lealdade, bondade e ternura, que teimamos em recalcar bem para o fundo, preferindo a mentira da glória falsificada, tôda aparência apenas, a alguns modestos triunfos, sãos e indiscutíveis, que mais nos elevam perante a nossa consciência e perante Deus ou seja a consciência universal.

É triste que, depois de tanto rolar de séculos, a gente se veja tal qual, como no princípio.

Os sábios dizem que os extremos se tocam, e têm razão.

Para que serve, então, tanto sacrifício, tantas noites de vigília de cérebros inquietos, se não podemos saír do círculo vicioso das mesmas maldades, das mesmas vilezas, dos mesmos êrros? De que servirá tudo isso, se nós não queremos progredir, se não queremos melhorar?

Quer os homens vistam a toga dos tempos de Nero, as casacas vistosas da época de Luís XV, as calças esticadinhas do fadista dos dias da Severa ou o casaco cintado de agora, êles são sempre iguais.

Loucos pela ambição, traidores no amor, inconstantes, desleais, muito homens e pouco humanos.

Que as donas suspendam a clâmide nos ombros nus, ques e avolumem nas crinolinas, que se adelgacem nas saias travadinhas, que arrastem caudas ou mostrem as pernas, são sempre as mesmas mulheres, levianas umas, amantes fieis outras, mas continuando a detestar-se entre si, e a confiar de mais no macho cruel e inconseqüente.

Nada mudou...

Dantes já havia êsse terceiro sexo — o sexo doente, segundo Freud — usando uma gama variada de designações.

O alfenim, o *mignon*, o págem, que passaram a ter em nossos dias um nome menos poético, mas mais expressivo.

Ou, melhor, o nome que sempre deviam ter tido — pois os outros eram apenas elegantes eufemismos.

Assim, pode haver sempre a mesma essência, apresentada em frascos diferentes, para enganar o freguês pacóvio ou ingénuo, se quizerem.

Faz-me lembrar um sujeito que nunca estava contente com os empregados, mas que achava igualmente detestáveis aquêles por quem os substituia.

E, então, para não se massar á procura de outros, chamava o que tinha e dizia-lhe: — "Você agora já se não chama António, passa a chamar-se Manuel".

E cada vez que se via na necessidade de mudar de servidor fazia o mesmo.

E ficava com a ilusão de ter empregado novo.

Se tôdos eram iguais... Apenas uma questão de nome.

É o caso de sempre.

Também, desde que o mundo é mundo, apareceram criaturas com uma forte aparência de honestidade que era simplesmente uma camada externa, que á mais pequena raspagem desaparecia, dando lugar á falta de honra e de lealdade.

E hoje tropeçamos ainda com gente desta ordem.

De ingratidão temos a lista longa e cheia. Patifes que exploram a nossa sensibilidade e se aproveitam dos nossos favores, e mal se sentem mais seguros na vida, voltam costas e negam os benefícios recebidos.

Tenho casos para ilustar as minhas considerações, mas ficam para um outro livro de memórias.

Nada mudou...

A imagem é negra e os optimistas devem talvez não gostar dela, sobretudo aqueles a quem a vida corre sempre igual, sem obstáculos, como a linfa cristalina se escoa por entre as pedras da nascente.

Mas os que têm amassado o pão com o suor do seu rosto, os que se deitam hoje com a preocupação do dia de amanhã, sabem que é assim mesmo, porque a maldade bateu já muitas vezes à sua porta, e algumas ocasiões tiveram também de apreciar a falsa honradez dos amigos falsos e a ingratidão de alguns com quem repartiram as suas magras sopas.

Casos houve e há ainda, excepções a confirmar a regra, flores por entre cardos, graças ao Altíssimo, que mostraram e encontram almas bem formadas, resistindo ao egoismo que dia a dia pretende invadir o nosso pensar.

O Bem e Mal sempre em antagónica luta, raras vezes vencendo o primeiro.

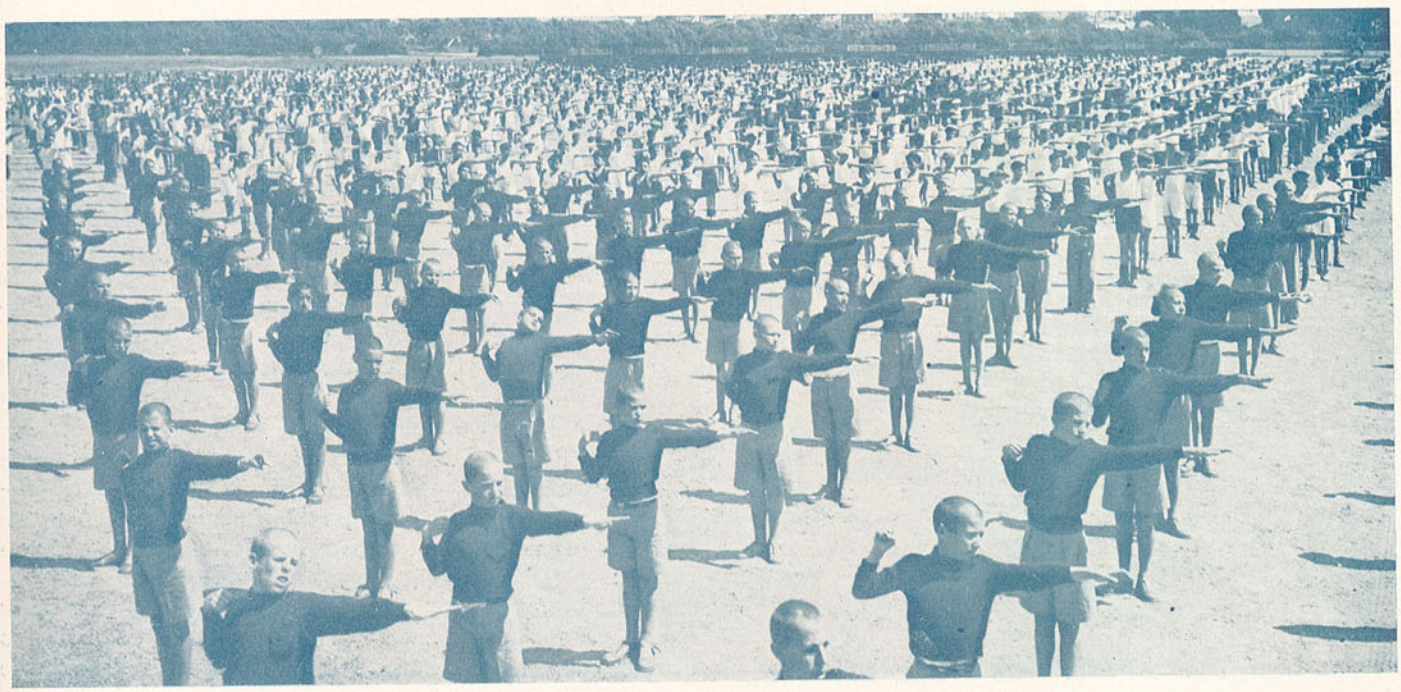
A rotina ou o progresso, tanto faz.

Nada mudou...

MERCEDES BLASCO.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

Os srs. Presidentes da República e do Conselho e senhoras de Carmona e de Araujo Jorge com alguns dos assistentes ao banquete oferecido na Embaixada do Brasil ao sr. General Carmona. — *Ao centro, à esquerda:* A sr.ª D. Maria Judice da Costa com algumas das pessoas que dela se foram despedir a bordo do «Saturnia» que levou a ilustre cantora portuguesa para a Itália. — *A' direita:* O governador civil de Faro com as autoridades civis e militares na festa celebrada no Consulado Espanhol de Faro comemorando o fim da guerra de Espanha. — *Em baixo:* Um aspecto dos exercícios de gimnástica no Jockey Club pelos milhares de filiados da «Mocidade Portuguesa»



O pintor Sousa Pinto

DA VIDA QUE PASSA

O trágico fim do pintor Sousa Pinto

Um grande artista que um desastre fez desaparecer

Mais um grande pintor português que desaparece.

Sousa Pinto, artista de génio, encontrou a morte num desastre de automóvel, quando atravessava a Bretanha.

Era natural de Angra do Heróismo, e completara o seu curso na Academia de Belas Artes do Pôrto, durante o qual conquistou três prémios pecuniários.

No habitual concurso para pensionistas no estrangeiro foi o preferido, não só pelas provas dadas como estudante mas também pelos trabalhos submetidos à apreciação do juri.

Ainda há pouco, o ilustre artista, evocando a sua mocidade distante, citava a viagem que fizera à Póvoa com o glorioso Soares dos Reis. Com as caixas de pintura debaixo do braço, ali foram passar uns 10 ou 15 dias, consoante os meios pecuniários de que dispunham. E, aludindo à predilecção que o mestre sempre manifestara pela Póvoa e pela sua população característica, esboçou em sua homenagem a figura ansiosa e dolorida da mulher dum pescador poveiro, dando-lhe a seguinte legenda: "A' espera dos barcos».

Foi ainda pensando na "Infância do artista», uma das belas obras de Soares dos Reis, que traçou o *croquis* duma criança confeccionando um barquinho de papel, e ao qual deu o título de "Infância dum marinheiro».

Esboço de Sousa Pinto

Lembrou-se também da noite do pavoroso incêndio dos Guindais, no Pôrto, em que Soares dos Reis focou com o seu lápis mágico essa espantosa catástrofe de há sessenta anos.

"— Lembro-me como se tivesse sido ontem — dizia Sousa Pinto — e hei-de lembrar-me sempre enquanto viver.

"Parece-me estar a ver ainda o nosso Soares dos Reis a desenhar o incêndio à luz mortiça dos candieiros. Como um chefe de polícia aparecesse a intimar a dispersão das pessoas que ali se aglomeravam, adiantei-me a informá-lo com uma certa pontinha de orgulho:

"— E' o grande Soares dos Reis que faz um desenho para o *Ocidente*».

E Sousa Pinto rematava:

"— Fiquei contentíssimo por vêr a delicadeza com que o chefe da polícia deu ordens aos seus subordinados, no sentido de não incomodarem o grande artista».

Sousa Pinto foi para Paris em 1880 e ali estudou sob a direcção do grande mestre Cabanal, distinguindo-se logo entre os seus companheiros pelas suas raras qualidades de aplicação e inteligência.

Logo após dois anos da sua estada na grande capital, o *Salon* admitiu o seu quadro *Os calções rôtos*, a que tôda a crítica se referiu com os mais entusiásticos elogios.

Revelavam-se já no joven artista as superiores qualidades de desenho primoroso, beleza, encanto e suavidade que de todos os seus quadros irradiam e são uma das principais características das suas telas magníficas.

Da alegria enorme que Sousa Pinto deveria ter sentido pelo triunfo alcançado, compartilhou Soares dos Reis que, do seu êrmo de Vila Nova de Gaia, seguindo, enlevado, os progressos do seu muito querido discípulo, lhe enviou o seu cartão com esta frase tão lacónica como enternecedora: "António Soares dos Reis chora de contente».

E, aludindo ainda à generosidade do escultor excelso do "Desterrado», Sousa Pinto declarava por entre lágrimas de saüdade:

E' realmente extraordinário como a grande alma de Soares dos Reis se reflectia em todos os seus actos! Repartia os proventos já tão escassos da sua colaboração com os discípulos que tinham mais necessidade do que êle! Santo amigo!»

Sousa Pinto após o seu primeiro triunfo no *Salon* começou uma constante ascensão na sua arte.

Em 1887 expôs o seu lindo quadro *L'égaré*, adquirido para a galeria da viscondessa de Valmor.

No ano seguinte surgiu novo trabalho — o quadro *Molhado até aos ossos* — tela admirável, não só pelo desenho e colorido como pela composição e observação dos pormenores.

A fama do pintor começava a correr mundo sem que o advento dos processos novos e as novas afirmações de arte que iam aparecendo, lhe entravassem a marcha.

Na Exposição Universal de 1889 alcançou altíssima classificação com outro soberbo quadro *Partida para o trabalho*.

Da lista enorme das suas produções, em que tratou de assuntos, tipos e costumes estranhos ao nosso público, sem, por isso, deixarem de se lhe impôr, citaremos:

"No bosque» (1889), existente no Museu de Monte Carlo: "O barco desaparecido», Museu de Arte Contemporanea, de Lisboa; "A volta dos barcos», adquirido pelos condes de Alto Mearim; "Preparação do barco», adquirido pelo Govêrno francês para figurar no Museu de Amiens; "A' lareira». Museu de Nice; "Nos campos», Museu de Melbourne, na Austrália; "A entrevista», Museu do Rio de Janeiro; "Colheita de maçãs», comprado para o Museu de Luxemburgo em Paris; "A tempestade», exposto no Salon de 1929; "Depois do vendaval», existente no Museu do Pôrto, etc. A lista é infindável.

Sousa Pinto passou quási tôda a sua vida em França, tendo constituído família na Bretanha, região muito sua predilecta como o demonstram tantos e tantos quadros de costumes e païsagem que desse pitoresco recanto francês pintou.

De vez em quando, vinha a Lisboa, dava um salto ao Pôrto, para matar saüdades, e de uma das suas últimas visitas veio acompanhado por seu filho, também pintor, cujos trabalhos aqui foram expostos na honrosa companhia dos do seu ilustre pai.

Remataremos com as autorizadas palavras dum severo crítico de arte.

"Sabe-se que Sousa Pinto — escreveu o ilustre escritor Manuel de Moura — reside e trabalha habitualmente fora de Portugal, à luz dum sol menos exuberante que o nosso e sob o azul dum ceu que não tem a limpidez do nosso ceu. Entretanto seria absurdo pensar, e muito mais pretender, que o grande artista, exercendo longe da nossa terra o seu surpreendente labor, pintasse dum modo diverso. A circunstância, porém, de tratar, num largo número dos seus quadros, assuntos, tipos e costumes em regra estranhas ao nosso público, fez despertar nêste a suspeita da presença dum pintor estrangeiro usando um nome português. Nada mais inexacto, contudo. Sousa Pinto mantem-se inalteràvelmente português, amando e recordando a Pátria através do coração e da arte. E tanto assim, que pintando em Portugal, em cada uma das obras aqui realizadas, de novo as tintas se lhe diluem naturalmente ao calor do nosso sol e se deixam embeber da transparência do nosso ceu. Possue um profundo instinto de beleza, um forte e firme poder de visão intensificada pela flama pura do seu lirismo emotivo, em permanente sobressalto, e um desejo vivíssimo de instilar graça, carinho, suavidade, ainda nas cousas mais simples.

Desenha primorosamente; realiza com uma espontaneidade admirável; tem o sentimento escrupuloso da forma e a simpatia efusiva da côr. E é assim que os seus trabalhos surgem sempre irradiando beleza, encanto, serenidade. Se, na exposição de 1928, todos êstes altos valores foram justamente aquilatados, na de 1932, por mais ampla razão, é lícito esperar dos portuenses, numa eclosão vibrante, e condigna homenagem devida ao insigne pintor vindo até nós rodeado dum maior documentário dos seus extensos méritos, tanto mais que sôbre algumas das obras expostas incidiu já, incondicionalmente, a admiração mundial. *Trempé jusqu'aux os; La culotte dechirée; Aprés l'ouragan* e *Boudeuse* — deixem-me exemplificar, são arte pura, estremecida dum sentimento sem mácula, traduzida numa límpida expressão. Ainda quando, ao lado dêles, não nos desse a exposição outros

Outro desenho de Sousa Pinto

florões docemente abrindo em perfume e luminosidade, teria Sousa Pinto naqueles que deixamos assinalados, por brevidade apenas e não por qualquer outro motivo, a autêntica, a inimpugnável, a indestrutivel afirmação de quanto é verdadeira e nobre a sua arte. Resta consignar que Sousa Pinto é o nosso maior pastelista. Esta feição, pouco menos de ignorada entre nós, do talento do eminente pintor, não completa o esboço da sua capacidade artística, mas acrescenta-lhe, talvez, um traço de indispensável identificação».

Foi êste o grande artista que acabamos de perder, esmagado traiçoeiramente por um desastre de automóvel, quando atravessava a região bretã dos seus mais doces encantos, onde quis construir o seu lar carinhoso.

O pintor Sousa Pinto numa das suas expesições em Portugal

FACTOS DA QUINZENA

Banquete no Hotel Aviz para festejar o aniversário do Rotary Club de Lisboa. Presidiu o sr. Ermete Pires, tendo feito parte da mesa de honra os srs. ministros da França o sr. e a sr.ª de Duperrey, o sr. general Domingos de Oliveira, o adido comercial à Legação da França, o sr. e a sr.ª de Santos Bastos, a sr.ª de Ermete Pires, os presidentes dos clubes do Pôrto, Vizeu, e da Figueira da Foz e o censor do Club de Lisboa e a sr.ª de Mário Madeira

O monumento à memória do dr. António Martins, inaugurado em Abrantes. No dia da inauguração essa cidade engalanou-se com os seus mais belos adornos, atapetando as ruas com rosmaninho

Um aspecto do cortejo folclórico de Aveiro que constituiu um espectáculo grandioso, cheio de côr e pitoresco. Em boa verdade, Aveiro pôde orgulhar-se por êsse cortejo deslumbrante que foi uma afirmação de vitalidade. Cidade formosa, junta à sua beleza o dom da sua actividade infatigável e do seu patriotismo de sempre

A poesia e a imaginação na arte de Maria Adelaide Lima Cruz

A primavera começou, êste ano, não com os indecisos dias de sol dos últimos dias de Março, mas com a Exposição no S. P. N. de Maria Adelaide Lima Cruz. Efectivamente, todos os desenhos e óleos da jóvem artista sugerem, no conjunto, pela sua frescura emotiva e estética, a ideia do germinal em plena efervescência criadora. É assim fresca e germinativa, de facto, a natureza emocional e intelectual dessa artista que tem olhos de boneca húngara, um corpo sinuoso de reptil e uma prodigiosa e criadora sensibilidade estética, e que acaba de obter, com esta sua exposição, o prémio definitivo da consagração pública.

Todos estes seus quadros se submetem a uma orientação genérica: exprimir Portugal, através do seu povo e dos seus Poetas. Do seu povo — dando-nos o velho arrais, de olhar vago e distante, o *Chico da guitarra*, dominado à fatalidade mórbida do fado, os feirantes do Alentejo, num óleo magnífico onde até o céu é uma criação plástica original, os pescadores da Nazaré, e certa morena de olhos murmulhantes que a Artista apelidou inteligentemente de "A da Rua da Saüdade». Dos seus poetas — apresentando-nos interpretações plásticas de poesias de Fernando Pessoa, José Régio, Antero de Quental, Camilo Pessanha, Florbela Espanca, Virgínia Vitorino e António Botto.

Essa orientação geral, de índole franca e vivamente nacionalista, imprime a todos os trabalhos a sigla pessoal de Maria Adelaide. A artista — que começou aos dez anos a fatalidade de uma mensagem que a Vida tem afeiçoado às mais secretas virtualidades, — foi, aos 24 anos de idade, mostrar a Paris, através dos seus óleos, *gouaches* e desenhos, a païsagem portuguesa. Foi um êxito enorme! Os jornais franceses publicaram-lhe o retrato, imprimiram amabilidades de alto coturno crítico, e tão grande foi o efectivo triunfo de Maria Adelaide que até jornais ingleses e alemães se referiram, pela pena dos seus correspondentes em França, ao significado criador da arte dessa adolescente amorosa do sol e motivos plásticos de Portugal.

Esta sua recente exposição representa, em boa verdade, a definitiva conquista de uma personalidade, até agora sujeita, como é natural, à rosa dos ventos das diversas influências. A que foi discípula de Mestre Carlos Reis e de sua própria Mãi, a ilustre Artista e Senhora D. Adelaide Lima, é hoje uma artista autónoma, pessoal, cheia de inquieta e generosa raça. Atente-se, nesta exposição, na técnica precisa dos traços, na originalidade triunfante das perspectivas, na sábia eloqüência das côres, na singularidade emotiva das expressões das figuras. São de um Mestre a cabeça do Feirante do primeiro plano, e o desenho das cordoveias sensuais e animais do *Lavagante* do *Tá mar*. O *Afonso Henriques* é a projecção trágica de um pensamento a que, nem por ter saído de uma imaginação poética, deixou de ser *realizado* com emoção e verdade. O *Chico da guitarra*, a *Rosa da Madragôa* e *A da Rua da Saüdade* são três poemas que surgiram, graças ao génio ao mesmo tempo lírico e musical da Autora, de uma compreensão melódica da vida e dos sentimentos humanos.

Alguns problemas estéticos estão ligados à sua *maneira* técnica e artística. Quero, dentre todos, salientar o que me parece mais curioso e original: a origem imaginativa dos seus desenhos, sanguïneas e óleos. Não cito essa linda *Rosa da Madragôa*, cujos olhos são duas notas de música; referir-me-hei especialmente à sua interpretação dos poetas.

Os sonetos de Antero, todos o sabem, são feitos de interrogações metafísicas e de uma ética pessimista de arqui-traves germânicas. Por sua vez, os poemas de Fernando Pessôa, afeiçoados a um hermetismo complicado e astrológico, ocultam-se, não obstante a gôta lírica que dêles sobressai, no apertado mistério das suas próprias emoções intelectuais. Também José Régio é um caso poético de tal forma violento e dramático que é impossivel localizá-lo em qualquer expressão plástica pois esta alhear-se-há, fatalmente, do seu grito humano originário. Compreendendo isso, Maria Adelaide tomou dos seus poetas a compreensão momentânea do conteüdo de certos poemas e como que os *recriou* na sua imaginação. Quere dizer: Maria Adelaide tomou êsses poemas escolhidos como *pretexto* para ela própria nos falar do *seu* sonho, da *sua* emoção humana, das *suas* pessoalíssimas concepções estéticas. Assim, o *Mostrengo* de Fernando Pessôa perde o seu anedotismo religioso e hermético mas ganhou, graças à imaginação plástica de Maria Adelaide, os contornos de uma visão profunda, granguinholesca, que nos encanta pelo cunho de firme lusitanidade que encerra. Uma canção de António Botto origina uma irónica alegoria crítica de Maria Adelaide. Os sonetos de Antero, Virgínia Vitorino e Florbela Espanca, servem, porém, para nos dar a geografia musical do sonho humano de Maria Adelaide. Sim, a artista caminha, de olhos e alma extasiada, ao encontro do seu próprio destino, pisando lírios e espinhos. Os lírios dão-lhe a compreensão matinal e jóvem de uma vida em flôr; os espinhos fazem sangrar-lhe os pés e subir-lhe à alma o doloroso suor da inquietação.

Daí, poder afirmar-se, em síntese, que a arte de Maria Adelaide é produto de uma vocação *analítica* dos mistérios da alma humana através de uma *imaginação* lírica, (ia a escrever *religiosa,*) das suas manifestações. A essa técnica pode chamar-se a de um *realismo pela imaginação*. Não há nos seus quadros a óleo, mesmo no *Cristo* e no *São Francisco* das suas anteriores exposições, senão um vago e melancólico queixume, de origem espiritual, aliás, e não o grito humano, selvagem, ao mesmo tempo lírico e patético, por exemplo de certos quadros de Mário Eloy. A pintura de Maria Adelaide é *tôda mansa* como a poesia de Ribeiro Couto. O que avulta, nela, é a melodia cujo compasso nos é explicado intelectualmente pela Artista; é a sensibilidade maravilhada que se desaperta de todos os colchetes e se dirige, segura de si, ao encontro da aventura; é o *movimento* de uma inteligência plástica, inimiga do lugar-comum e do preconceito, que se entrega amorosamente à vida, sequiosa de Beleza.

A sua sensibilidade, bem feminina e, como tal, ondulante e arbitrária, facilita-lhe uma lúcida compreensão emotiva da realidade humana. Já frizei, atrás, que essa compreensão, por ser de substância musical e poética, desaprovava a deformação faustica, satânica ou angelical, de tantos artistas de hoje. O mundo de Maria Adelaide é humano e simples; não tem complicações violentas nem transuda graves problemas de inquietação intelectual: — prova disso é aquele seu pescador da Nazaré que se limita a olhar saüdosamente o mar...

*

Lisboa inteira a conhece, a esta Artista cujos trinta anos de hoje a não inibem de continuar jóvem e adolescente e de agitar, como uma bandeira, a mesma alegria irrequieta, *gavroche*, que caracterizou as suas primeiras caricaturas. Talvez que, no fundo, seja paradoxalmente melancólica essa sua alegria; ou talvez que não. Seja como fôr, Maria Adelaide Lima Cruz é um caso artístico de tal forma original e vivo que o futuro não pode deixar de recompensá-lo galhardamente.

MANUEL ANSELMO.

Marisiteu, o deus da guerra

ENERGIAS DO EXTREMO ORIENTE

PELO "CAMINHO DO SAMURAI,,

Bushido — a fôrça secreta que impulsiona o Japão

Há oitenta anos o Japão era ainda uma nação sob o regime feudal, sem qualquer influência, de qualquer ordem, para fora das suas fronteiras. Hoje é uma grande potência que pretende imperar sôbre todo o Extremo Oriente. ¿Porque manhas secretas se operou êste salto enorme?

No aludido curto espaço de tempo, durante o qual o Japão travou relações com o ocidente moderno, ao lado de muitos empreendimentos pacíficos, surpreendeu êsse ocidente com uma organização militar de tal ordem, que dá a impressão de que o Japão é inspirado por um espírito especial, ausente nas organizações militares de outros países, e de que estão invadidos, não só os oficiais e as praças, mas também tôda a população civil. É o *Bushido*, ou *o caminho do samurai*. A palavra compõe-se dos caracteres sino-japonezes *wu (bu)* que significa *militar, shih,* guerreiro ou cavaleiro letrado e *tao (do),* caminho ou meio. Mas entre o significado do *bushido* de hoje e o caminho seguido pelo *samurai* do Japão medieval há uma diferença enorme.

O *samurai* que constituia uma classe especial de guerreiros era o produto de um longo período de lutas entre tribus, que existiram do século X ao século XVII. O sistema político-económico, que o Japão no século VII havia adoptado febrilmente da sua poderosa vizinha a China, havia sido derrubado. Como a autoridade central não pudesse manter a paz e a segurança pública, os grandes proprietários, no intuito de defenderem ou aumentarem os seus bens, criaram, com os seus dependentes, corpos de guerreiros, que vieram a ser conhecidos pelos *samurai.*

Com o andar dos séculos de lutas, êsses guerreiros privativos constituiram uma classe com um código oral, que regulava os seus actos e que era o produto das qualidades e atitudes, que os distinguiam.

É êsse guerreiro medieval, com o seu código regulador das suas acções, que alimenta o espírito do *Bushido* moderno, de que os filósofos fazem a propaganda e exaltam. O *Bushido* moderno surge em fins do século XIX como base de uma moral, que deixou de pertencer à tribu para ser nacional. A própria palavra *Bushido* que geralmente é interpretada por «caminho ou atitude do guerreiro» é de criação recente ou, pelo menos, não era de uso corrente antes daquela época. Quando no fim do século XVII desaparecia a função do *samurai,* a classe passou de militar à do letrado, e, com o fim de o harmonizar com o novo estado de paz e união nacional, entregou-se ao estudo dos clássicos confuncianos.

Ao contacto com o ocidente, com uma nova distribuição do poder, com a desaparição do *samurai* e com a introdução de métodos europeus, o governo necessitou de um novo código de moral a que o povo aderisse e o *Bushido* foi arrancado do esquecimento em que jazera alguns séculos, para ser elevado à categoria de código de moral para todo o Japão. Foi assim que o mito obteve a fôrça necessária para influir nas leis, na literatura e em tôda a vida nacional. Foi o mesmo mito que forneceu uma nova lealdade nacional, a lealdade para com o imperador, nova fonte de patriotismo, que corresponde ao antigo *Jamato-damashii* ou «o espírito íntimo do *samurai*», agora modernizado por forma a ser aplicado a um objecto material, o imperador.

O imperador do Japão, conforme quási tôda a história do país, gozou teòricamente de uma supremacia semi-divina, o que não impediu o assassínio, exílio, insulto e opressão do imperador, a-pesar do marquês Okuma ter pronunciado no parlamento, recentemente, estas palavras: — «Nunca houve no Japão sublevação ou tentativas de assassínio contra o seu imperador, com a frequência que êsses actos tiveram em outros países».

O dr. Inazo Nitobé, escritor e filósofo, foi o principal renovador do mito, e o seu livro, *Bushido, a Alma do Japão,* contém os cânones que o regulamentam. Na sua obra descreve as virtudes que distinguiam o *samurai* do período medievo, mas, segundo êle, o *Bushido* moderno não se havia de restringir ao código da antiga cavalaria japonesa, mas tinha de representar a «totalidade dos instintos morais da raça nipónica».

As virtudes proclamadas por Nitobé, como bases do *Bushido* são: «Conduzir a vida em harmonia com a razão, sem hesitações; morrer, quando seja necessário morrer, e matar quando seja necessário matar.

A coragem preconizada no *Bushido* já não é a coragem física, do tipo necessário no período feudal, mas sim a coragem moral, que só é virtude, quando empregada na causa da justiça. A benevolência, que incluia amor, magnanimidade, afeição, simpatia e piedade, impediu o período feudal de caír no despotismo porque os senhores feudais, de quem dependia paz ou guerra, seguiam os ensinamentos de Confúcio, no tocante a um govêrno paterno. Os cantos dos guerreiros tinham de preferência o canto das aves ao da morte ou ao das batalhas. A falta de honestidade comercial, que Nitobé admite como uma mancha no caracter japonês, é atribuida pelo mesmo Nitobé ao facto de os comerciantes não serem instruidos nas tradições do *Bushido,* como o eram os *samurai.*

A história diz-nos que o guerreiro dos tempos feudais não possuia nem lealdade nem patriotismo, especialmente em relação ao imperador; era um guerreiro que pertencia ao chefe da sua tríbu e não ao país ou ao seu imperador. No entanto, Nitobé, com o fim de reviver o mito do *Bushido,* afirma que *Bushido* impunha lealdade ao soberano e ao país».

O dr. Rokuichiro Masujima, outro filósofo e expositor do mito escreve: «O soberano japonês é um ente superior, absolutamente virtuoso, acima de tôdas as tentações humanas e incapaz de praticar senão o bem para com o seu povo, conforme a história nos ensina». Criado em volta desta ideia da natureza do imperador, o mito *Bushido* vai-se alastrando com firmeza pelo ensino feito nas escolas e constitui um poderoso agente na propaganda de lealdade ao imperador e exaltação da pátria, como país de *samurais.*

O primeiro empreendimento do *Bushido* foi inculcar-se no espírito do novo exército criado por meio de obrigatoriedade e composto principalmente por indivíduos das baixas classes, a cujos pais, durante trinta gerações, havia sido arrancado o privilégio de figurarem nas fileiras do exército. Ligar as virtudes militares do passado a um exército extraído dessas classes parecia tarefa difícil senão impossível, mas o mito *Bushido* conseguiu introduzir nesses homens virtudes, que se afirmava, haviam sempre predominado no Japão e de que até o próprio exército do imperador Jimmu no ano de 660 antes de Cristo, dera as provas mais eloquentes. O processo pelo qual o exército de conscritos se embebeu do espírito de *Bushido* foi levado a efeito integralmente, por meio do decreto imperial de 4 de Janeiro de 1882.

O notável documento começa por asseverar que as tropas japonesas foram em todos os tempos levadas á vitória pelos seus imperadores e passa em claro os largos períodos durante os quais os imperadores representaram um papel muito apagado. Era, porém, necessário dar vulto ao mito, ainda que houvesse de pôr de lado a rigorosa verdade dos acontecimentos. A lealdade, a disciplina, a coragem a integridade de caracter, a fidelidade e a frugalidade são as virtudes proclamadas, que devem constituir «a verdadeira coragem do soldado» e que todo o militar deve praticar. Este decreto imperial constitui hoje a Biblia do soldado japonês, que nunca deixa de o trazer na algibeira do uniforme.

A guerra russo-japonesa foi uma excelente oportunidade para o govêrno do país pôr á prova aquele espírito, a que havia dado origem, com tôda a actividade e que deu lugar a que os observadores do ocidente, com o fim de explicarem as surpreendentes vitórias dos japoneses, descobrissem e aceitassem a explicação japoneza: *Bushido.*

A grande vitória japonesa sôbre uma potência ocidental veio levantar o nivel do mito a uma grande altura e dar-lhe enorme incremento.

O correspondente militar de um grande jornal americano escrevia, ao tempo, para o seu jornal, estas linhas notaveis:

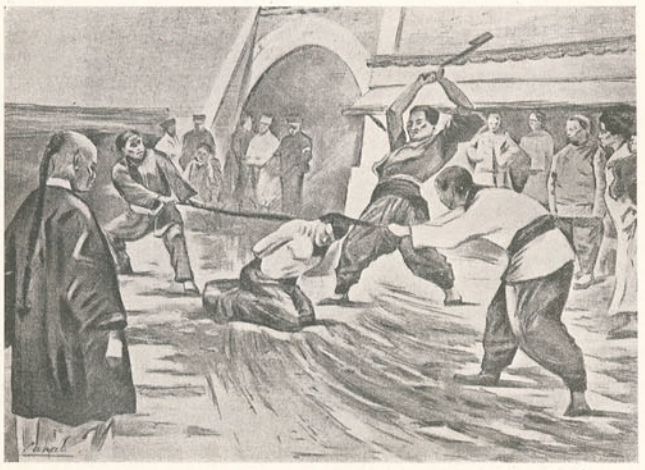
«É bem contra vontade que temos de reconhecer a existência de uma força moral, que parece dirigir e superintender sôbre a atitude de um grande povo; que inspira uma nação inteira, desde as mais altas até ás mais baixas camadas da sociedade e a conduz a feitos heróicos, que a enfileiram com os mais célebres da história ou da lenda. Queremos indagar que força é essa, donde provém e qual é o seu significado; a presença dessa força causa-nos cobiça e até provoca a nossa cólera».

O govêrno do Japão, por meio dos seus Ministério da Instrução e Ministério da Guerra, continua a alimentar e alastrar o «espírito yamato». A instrução militar nas escolas é feita sob a direcção daqueles ministérios em conjunto e os panfletos editados regularmente exaltam a guerra como «Pai da criação e mãe da cultura». Mais importantes, e acima da acção oficial, como sustentáculos e propugnadores das especiais virtudes japonesas e da superioridade da raça nipónica levantam-se as organisações extra-governamentais.

A *Odo Gikai* (Sociedade do Caminho Imperial) é um agrupamento que se compõe de membros do partido Seiyukai e de funcionários da Companhia de Caminhos de Ferro do Sul da Manchuria, entre cujos objectivos se salienta o robustecimento do espírito militar. Outras associações como a *Kokuhonska* (Socidade da Fundação do Estado) têm idênticos fins. Entre a mocidade há grupos como «*Dai Nipon Butokukai*» (Sociedade do Valor Militar do Grande Japão) cujo moto é o seguinte: «Exaltação do Espírito Militar do Japão e união do país inteiro, por meio das tradições samurai, em torno da sagrada pessoa do Imperador» e a *Nipon Seinendan* (Associação da mocidade japonesa) que exige «lealdade á pátria e coragem samurai».

O principal instrumento dos militaristas na educação das massas, contudo, é a «*Teikoku Zaigo Gunjinkai*» ou a Associação dos Antigos Militares ao Serviço, cujo fim único é o de manter o espírito militarista. Existem também associações terroristas, tais como a «Sociedade do Lobo Branco» que pretende resolver todos os problemas sociais pelo uso da força, baseada na Justiça e no espírito samurai».

A ideologia moderna de *Bushido* funda-se no princípio de que, em primeiro lugar, o Japão, em virtude dos seus atributos samurai, tem a desempenhar uma missão divina no Ocidente e em todo o globo, e que, em segundo lugar, o Japão não deve afrouxar na cultura dêsse espírito em frente de ameaças, quer do interior, quer do exterior do país.



Nos tempos do Japão bárbaro

O patrono da equitação

Nêste momento, o Japão, em guerra com a China, dá-nos um frisante exemplo da forma como põe em prática a sua missão divina, pondo á prova todas aquelas virtudes em que povo e exército foram instruidos.

Que o mito agiu e é hoje uma grande força, atestam-no bem as cenas de exaltado patriotismo a que a mobilização do exército deu lugar e que são manifestações de qualidades inapreciaveis que possue a raça yamata. Ninguém indaga a respeito das causas da guerra porque todo o japonês está «profundamente convencido da pureza dos motivos que actuam nas forças imperiais».

No campo de batalha a atitude do soldado é uma demonstração do mito.

O diário de um soldado morto em acção revela bem como êle agia sob a influência do mito: «Esperei durante muito tempo pela ocasião em que o soldado dê ao mundo as provas da sua coragem... e a ocasião chegou finalmente! Sôbre os meus ombros peza o destino da minha pátria. Não espero regressar vivo. Parto para o campo de batalha orgulhoso da minha missão».

O único oficial japonês feito prisioneiro e ferido na campanha de Xangai em 1932, tendo recuperado a liberdade, depois de curado, voltou ao seu campo, e suicidou-se. E o general Araki, discursando á beira da sepultura do oficial, pronunciou estas palavras:

«Enquanto existir nas nossas fileiras aquêle espírito de que o major Kogu acaba de dar provas, pode o exército japonês bater-se com qualquer outro exército, cheio de esperanças no êxito da luta».

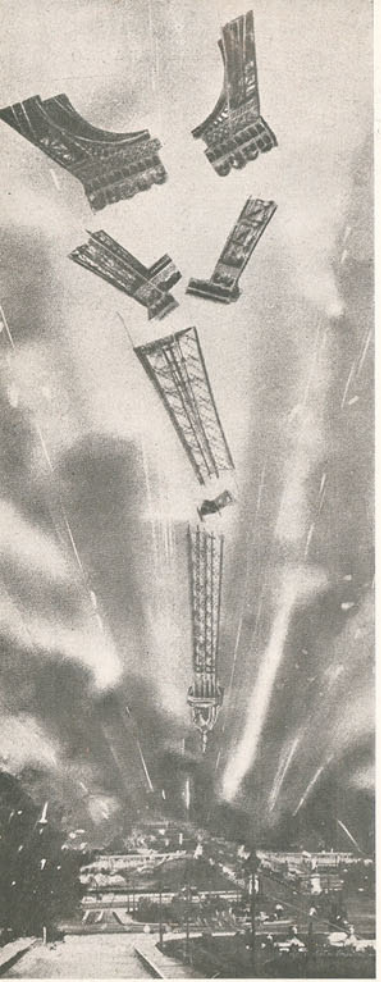
É opinião corrente entre os japoneses que o soldado japonês é o único no mundo, que não considera a morte como uma catástrofe pessoal.

É assim que o mito *Bushido,* que retraça artificialmente as suas origens até á fundação do próprio Japão, foi aproveitado com enormes resultados, fixando a unidade nacional adentro do Império e defendendo êste contra as agressões do exterior.

ADOLFO BENARÚS.

MARAVILHAS DA GUERRA MODERNA

Dos "raios da morte" à metralhadora que dispara 33 mil tiros por minuto



O que virá a ser uma futura guerra? O livro intitulado *Os raios da morte*, de M. Seydewitz e K. Doberer apresenta indicações verdadeiramente arrepiantes.

Eis alguns dos apavorantes inventos que aparecerão, um dia, se a guerra tiver de ser o único recurso para garantir a paz:

Ouviremos os *sons ultra-agudos* com mais de 20 mil vibrações por segundo, e que, sendo imperceptíveis ao ouvido humano, apresentam entre outras, a particularidade de destruir os glóbulos vermelhos do sangue.

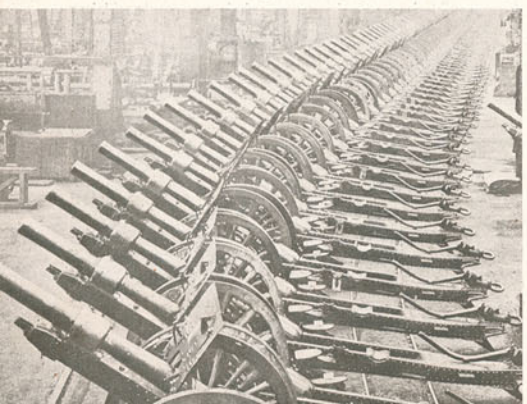
As propriedades destrutivas destas ondas ultra-agudas, também chamadas "ultra-som» ou "vibração mortífera», foram descobertas casualmente quando, há poucos anos ainda, se mediam as profundidades do oceano.

Nessa altura foi verificado que tais ondas matam os peixes quási instantâneamente. Segundo averiguações feitas, os ultra-sons das sereias dos navios podem desviar as lagostas dos seus percursos normais e até destruí-las em grande parte. Nas regiões polares, pondo em ressonância as sereias dos barcos próximos, tem-se conseguido desagregar alguns "icebergs».

Posteriormente, efectuaram-se experiências com freqüências fantásticas, como, por exemplo, com ondas de 300.000 vibrações por segundo, por meio de um circuito eléctrico, actuando numa placa imersa num banho de óleo. As vibrações eram transmitidas para o exterior por intermédio duma haste de vidro. Ao mais leve contacto desta haste com as pontas dos dedos, instantâneamente apareciam queimaduras muito dolorosas. Fragmentos de vidro eram pulverizados, no acto, ao serem tocados pela dita haste.

Experimentalmente chegou-se a comprovar que a destruïção dos glóbulos vermelhos do sangue, mediante o ultra-som, se produzia por separação da hemoglobina.

Até à data ainda não foi possível aumentar a freqüência além das 300 mil vibrações por segundo. Contudo os físicos modernos prevêm a possibilidade teórica de aumentá-la, e, neste caso, deve considerar-se o ultra-som como uma arma de futuro e que certamente não será das menos terríveis pela desagregação da matéria provocada. Uma bataria de ultra-som deitaria então por terra uma esquadrilha de aviões que se atrevesse a entrar no campo de acção dos seus raios destrutores invisíveis. Já com a freqüência actual, o ultra-som desintegra as células dos corpos colocados nas imediações. É de calcular, portanto, que com freqüências maiores se consiga mesmo desintegrar as próprias moléculas do aço.



Teremos também os *raios catódicos* que, sendo de altíssima tensão, constituem aquilo a que chamamos *raios mortíferos*, pois, quando se aumenta a tensão eléctrica até 350 mil vóltios, os electrões precipitam-se no ar com uma velocidade de 240 mil quilómetros por segundo. Uma luz violeta expande-se em tôrno do raio. Ao choque das partículas materiais animadas duma tal velocidade, o ar electriza-se, e as moscas caem imediatamente mortas. Logo que se consiga aumentar ainda mais a tensão eléctrica, o campo de acção dos *raios catódicos* aumentará, e êstes constituïrão um poderoso meio de destruïção, merecendo, portanto, com tôda a propriedade a designação de *raios da morte*.

Sabemos já que, por meio das *ondas hertzianas*, podem ser dirigidos, a distância, carros blindados, *tanks*, navios e aviões. As principais potências utilizam já êste processo, evitando assim o sacrifício heróico do homem que tivesse de dirigir pessoalmente um torpedo contra uma fortaleza ou couraçado, e que, ao executar a manobra, encontrasse a morte. As *ondas hertzianas* se encarregam de dirigir o torpedo.

Outra invenção terrível é a dos *raios cegantes* que são lançados pelo "canhão disparador de luz», e têm a propriedade de cegar o inimigo, pondo-o fora de combate.

Todos sabem quão desagradável e prejudicial é o aparecimento dos faróis de um automóvel, batendo-nos em cheio nos olhos. Um peão que atravesse a rua, e seja surpreendido por êsse feixe de luz, ficará de tal forma cego que correrá o grave risco de ser atropelado.

Ora, chegando-se a tais resultados com faróis de uma potência luminosa relativamente débil, calcule-se o efeito de absoluta cegueira que se obterá empregando projectores de potência luminosa mil vezes maior.

Os técnicos militares das grandes nações, fundamentando-se nas descobertas dos químicos alemães, admitem que os *raios cegantes* serão, no futuro, utilizados como arma de guerra. Os *canhões de relâmpagos artificiais* podem emitir descargas de luz com 5.000.000 de velas, às quais o ôlho humano não pode resistir sem ficar cego instantâneamente. Também existem "pistolas de relâmpagos artificiais» que dão descargas de luz com 150.000 velas.

O invento dos químicos alemães consiste em lançar, por meio dum projector, uma quantidade apreciável de um pó metálico, num tempo reduzido. O dito metal, que, provàvelmente, é o "electrum» manufacturado na Alemanha pela casa I. G. Farbenindustrie, em contacto com o ar, arde com uma luminosidade muito superior à do magnésio. Uma das aplicações do *canhão de relâmpagos artificiais* será contra as invasões aéreas nocturnas: cegar-se-ão os pilotos sem necessidade de usar reflectores eléctricos, não sendo necessário o emprêgo de batarias anti-aéreas para os pôr fora de combate.

Os "canhões disparadores de luz» podem ser montados sôbre viaturas automóveis que os transportarão ràpidamente aos lugares em que fôr necessário o seu emprêgo.

Para obter uma potência luminosa maior, basta aumentar o calibre do canhão. Mas, como um canhão de grande calibre é difícil de transportar, foram estudadas mais duas soluções para o problema da luz cegante.

Uma solução foi encontrada pelo físico holandês C. Bol que conseguiu fabricar uma lâmpadas de pequenas dimensões e que actua numa atmosfera de mercúrio sob alta pressão. Esta lâmpada pesa apenas alguns gramas e o seu máximo diâmetro é de poucos centímetros. Apesar disso, é capaz de provocar uma luminosidade de 95.000 velas por centímetro quadrado. A outra solução é a lâmpada de arco com uma temperatura de 7.300 graus centígrados, já realizada.

Contra a *luz cegante* existe um simples meio de protecção: vidros especialmente còrados.

Outra grande novidade: a dos aviões silenciosos que permitirão aproveitar ao máximo o factor surprêsa nas futuras invasões aéreas.

Até agora, o ruído dos motores servia para indicar a aproximação do inimigo. Desaparecerá êsse aviso.

Os aviões silenciosos foram construídos na Alemanha, empregando-se motores a vapor, nos quais a máquina resulta silenciosa por não carecer de escape livre. Acresce ainda terem sido diminuídos ao mínimo os ruídos das hélices e os causados pela fricção das asas e da fuselagem com o ar.

Nos Estados Unidos da América estão sendo adoptados aviões de guerra com motores de combustão, nos quais os ruídos foram tão amortecidos que ninguém consegue ouvi-los a uma altura superior a 800 metros.

Falando de máquinas silenciosas, referimo-nos exclusivamente à sensibilidade do ouvido humano.

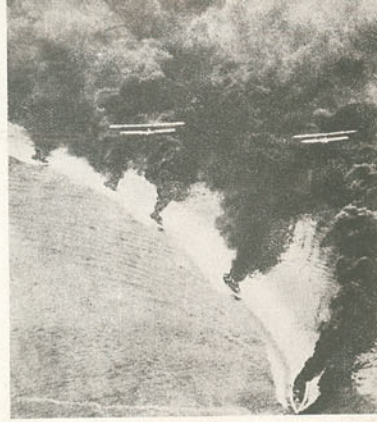
Mas, paralelamente, às máquinas silenciosas, a técnica produziu instrumentos de tão grande sensibilidade que permitem denunciar o mais o leve ruído. Nos exércitos modernos existem microfónios ultra-sensíveis, e alguns de tão grandes dimensões que são transportados em viaturas automóveis.

Outra novidade: a do *geomimetismo*. Como é sabido, para a defesa de grandes objectivos militares pratica-se eficazmente a camuflagem ou o mimetismo em grande escala.

O geomimetismo consiste no emprêgo de fumos artificiais de diferentes côres para disfarçar localidades, arsenais, estações de caminhos de ferro e outros objectivos militares. Estabelecem-se barragens de fumo que induzem em êrro a aviação inimiga.

As pequenas cortinas de fumo com que antes se cobriam êstes objectivos não davam o resultado desejado, pois os pilotos inimigos, fazendo uso de mapas topográficos e de instrumentos medidores de distâncias, geralmente logravam localizar os seus objectivos, conseguindo bombardeá-los.

Os exércitos modernos dispõem hoje de aviões e tanques especiais que distribuem fumos de côres apropriadas para encobrir os objectivos e simular a sua existência noutro lugar, com o que conseguem ludibriar os pilotos inimigos, pois os pontos de referência são mudados. Assim, por exemplo: se existe uma gare ao lado de um bosque, cobre-se a gare e o bosque com uma neblina artificial, e estende-se em outra parte do terreno uma nuvem de fumo verde, simulando a existência do bosque. Igualmente se simula, durante a noite, a existência dos centros de população onde na realidade não existem. Para isto são distribuidas instalações de luz, em forma de xadrez, nos campos vizinhos das verdeiras cidades.



Temos ainda a maravilha dos *raios luminosos invisíveis* empregados na navegação marítima e aérea, durante a noite, a fim de estabelecerem as comunicações.

Para o ôlho humano apenas são visíveis as radiações entre determinados comprimentos de onda.

Ora, se os raios infra-vermelhos e os ultra-violeta do espectro não são visíveis

para o ôlho humano, o *ôlho artificial* vê-os perfeitamente.

Vem a propósito lembrar que na Grande Guerra foi empregada, especialmente, na marinha britânica, a luz ultra-violeta para manter o contacto durante a navegação nocturna através do oceano. Os sinais luminosos correntes não podiam ser usados em virtude da preseça de submarinos alemães. Em face disso os navios comunicavam entre si por meio de lâmpadas de arco, cujos feixes luminosos passavam prèviamente através de um filtro especial, que sòmente deixava passar os raios ultra-violetas.

Presentemente as experiências com raios infra-vermelhos tiveram um êxito ainda mais notavel. Inventou-se uma lâmpada de arco com um carvão especial que emite muitos raios infra-vermelhos, além dos raios de luz visível. Um filtro de vidro negro intercepta todos estes raios visíveis do feixe de luz. O aparelho receptor é constituído por uma bataria de células foto-eléctricas que constituem o *ôlho artificial*. A célula foto-eléctrica é sensível à luz infra-vermelha mesmo a grandes distâncias. O poder de penetração da luz infra-vermelha é dezasseis vezes maior que um feixe de luz ordinária, pelo que o seu valor militar é importante, especialmente quando empregada em tempo brumoso e através de nuvens.

Por êste motivo estão sendo construídas estas lâmpadas para raios infra-vermelhos, que constituem um excelente meio de comunicação, especialmente apropriado para a navegação aérea.

Outro invento, que muito está interessando os peritos dos Estados Unidos da América e da Alemanha, é o *canhão silencioso*. Em redor da sua alma, tem uma série de anéis electro-magnéticos, ligados elèctricamente, e que atraem o projectil sucessivamente quando por êles passa a corrente eléctrica. Á medida que o projectil passa em frente dos anéis, corta-se a corrente do anel correspondente. O projectil adquire um movimento acelarado, cada vez maior. Com êste invento, logrou-se eliminar o estampido, o clarão e o fumo, de maneira que se torna impossível localizar os canhões silenciosos que se empreguem no futuro.

Procura-se agora o aperfeiçoamento da *defesa contra invasões aéreas*, tendo sido adoptados nalguns países métodos muito originais.

Na Alemanha aproveitou-se a ideia do autogiro de La Cierva, para a concepção de "elevadores de canhões anti-aéreos».

Estes elevam-se verticalmente, como um ascensor, à velocidade média de 12 metros por segundo, de maneira que alcançarão a altura de 6.500 metros em 9 minutos. Esta velocidade ascensional assegura-lhes uma superioridade indiscutível sôbre os aviões de bombardeamento e de caça inimigos. Outra vantagem reside no seu baixo custo. Como são construídos sòmente com uma plataforma, um motor e um par de hélices, o seu custo orça aproximadamente pela terça parte do custo dum avião de bombardeamento.

O seu inconveniente é a impossibilidade de deslocar-se horizontalmente, o que os torna inaptos a uma perseguição aérea. Não obstante, como arma de defesa, a plataforma voadora anti-aérea parece não ter rival, segundo a opinião de alguns técnicos.

Finalmente, aparecerão armas modernissimas, de entre as quais destacaremos: a *metralhadora centrífuga* que pode disparar 33 mil tiros por minuto, o *avião submersível*, e *carros de assalto transportados por avião.*

Por aqui se verifica que, nos últimos anos, as ciências têm posto ao serviço das fôrças armadas uma série de inventos e aperfeiçoamentos de tal natureza que uma futura guerra deverá oferecer um espectáculo surpreendente para ser apreciado... por meio de telescópio, e dum dos mais socegados recantos da Lua ou de Marte.

Passou o tempo dos feitos heróicos em que o combatente, empunhando o seu montante, abria clareiras sangrentas por entre as fileiras inimigas.

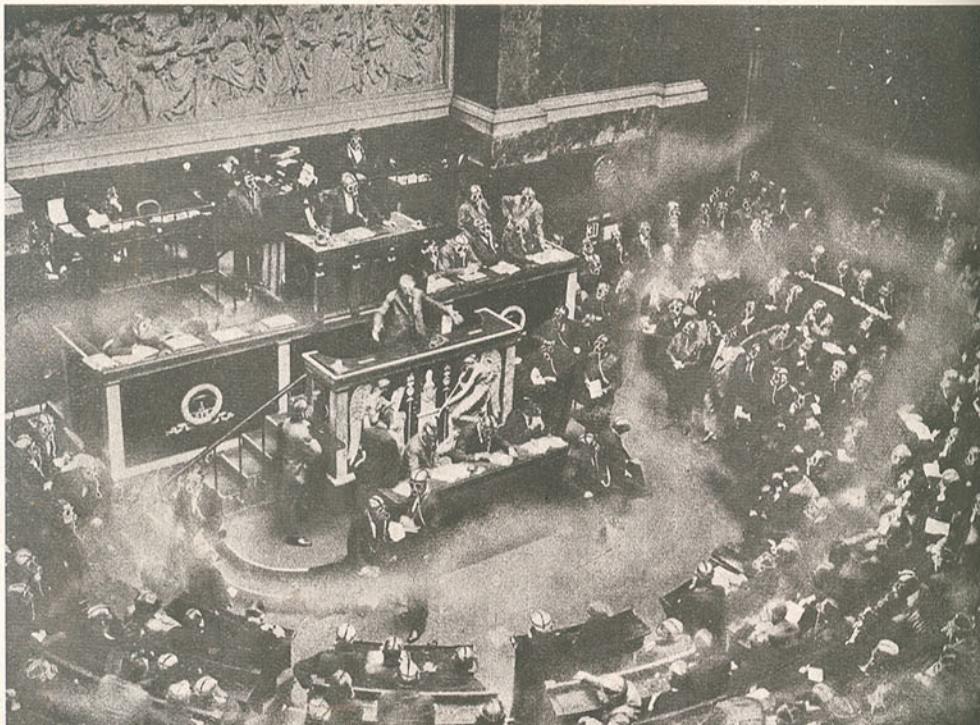
Que poderia fazer hoje o nosso Duarte Pacheco que, no vau de Cambalan, derrotou com setenta homens os cinqüenta mil guerreiros do samorim?

É curioso evocar que, nêsse tempo, o glorioso guerreiro português se servira do estratagema de atar umas às outras as suas caravelas e chalupas, de forma que formava assim na água uma verdadeira falange composta e unida, que tomava todo o passo. Além disso, fazendo um supremo esfôrço, repeliu a tiro de peça os navios atacantes, subiu ràpidamente o rio, e apareceu, quando menos o esperavam, no vau onde os nossos soldados combatiam. Estas aparições súbitas de Duarte Pacheco aterraram a tal ponto o inimigo que logo o considerou dotado de poderes sobrenaturais.

E assim se compreende que setenta homens combatessem e derrotassem cinqüenta mil, sem que em tudo isto andasse coisa de feitiçaria.

Que faria hoje o nosso heroi?

De que lhe valeria a sua valentia indomável?



ONZE ANOS NA PASTA DAS FINANÇAS

Completando onze anos na pasta das Finanças, o sr. dr. Oliveira Salazar foi alvo de significativas homenagens de apreço e reconhecimento pela sua notabilíssima acção governativa. — *Em cima:* O sr. dr. Oliveira Salazar com o Govêrno, no jardim do Palácio da Presidência do Conselho. — *Em baixo:* O sr. Presidente do Conselho passeando no jardim em companhia do sr. Ministro da Educação Nacional

VIDA ELEGANTE

Festas elegantes

A última quinzena foi uma das mais festivas de Lisboa. Além dos bailes no Turf-Club e Tauromáquico, os aristocráticos clubs de Lisboa, que viram nas suas salas tôda a nossa gente elegante, os Club Brasileiro e Automóvel Club, nos seus chás Mah-Jong e bridge igualmente tiveram as suas salas sempre repletas de senhoras conhecidas. No Pôrto igualmente houve várias festas de caridade, sendo a do Palácio Cristal a que marcou pela concorrência e elegância.

Para os primeiros dias do próximo mês já se anunciam novas festas de caridade, entre elas duas récitas por distintos amadores com a revista de João de Vasconcelos e Sá e Raúl Cordeiro Ramos com música de Angelo Moreno intitulada «Palhas e moínhas» que o ano passado tanto sucesso obteve em Évora e arredores, e que vamos ver representar em Lisboa num dos nossos primeiros teatros, e um grandioso baile de caridade a favor das instituïções portuguesas de assistência aos leprosos pobres sob o alto patrocínio da sr.ª D. Maria do Carmo Fragoso Carmona, espôsa do ilustre Chefe do Estado, e organizado pelas seguintes senhoras:

Embaixatriz do Brasil, condessa de Castro Marim, condessa de Vila Flor e de Alpedrinha, viscondessa de Almeida Garrett, D. Maria do Carmo Noronha (Paraty), D. Amélia Rojão Caiola Basto, D. Madre Deus Meleiro de Sousa, D. Maria d'Orei de Castro Pereira, D. Isabel de Melo Breyner, D. Maria Isabel Roquete de Sousa Basto, D. Olímpia Pedroso Rodrigues, D. Dálila Tavares de Carvalho, D. Maud Cohen Fevereiro, D. Maria Carlota Soares Franco, D. Eugénia Fleury de Amorim, D. Rita Thompson Flores e D. Ilda de Carvalho.

Casamentos

Com grande brilhantismo, realizou se na igreja de S. Nicolau, o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes dos Santos Moura, gentil filha da sr.ª D. Lucinda dos Santos Moura e do sr. Júlio Lourenço de Moura, com o sr. António Alves Sampedro, filho da sr.ª D. Maria do Rosário Ventura Sampedro e do sr. João Sampedro, já falecido.

Fôram padrinhos por parte da noiva, a sr.ª D. Mariana de Sousa Lobo e o sr. Henrique de Sousa Lobo e por parte do noivo, a sr.ª D. Elvira dos Santos Moura de Oliva e o sr. Américo Lourenço de Moura, irmãos da noiva.

Terminada a cerimónia, foi servido à numerosa assistência um finíssimo copo de água, findo o qual os noivos seguiram em digressão pelo país, devendo partir brevemente para o Congo Belga onde vão fixar residência.

— Na Basílica da Estrêla, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Antónia de Sousa Coutinho, gentilíssima filha da sr.ª D. Maria Justina Fialho de Sousa Coutinho e do sr. D. António de Sousa Coutinho, com o sr. engenheiro José Carvajal Teles da Silva, filho da sr.ª D. Angela Carvajal e do sr. José Teles da Silva.

Serviram de padrinhos da noiva, a mãi da noiva e a sr.ª D. Maria Constança de Sousa Coutinho, e do noivo os srs. Gonçalo Teles da Silva e António Carvajal Teles da Silva, respectivamente tio e irmão do noivo.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um fino lanche no Avenida Palace Hotel, seguindo depois os noivos para o Bussaco, onde fôram passar a lua de mel.

Aos noivos fôram oferecidas lindas e valiosas prendas.

— Na igreja do Patriarcado, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Alice Cortesão Pais Lima de Faria, gentil filha da sr.ª D. Maria Lobato Cortesão Pais de Faria e do sr. dr. Avelino de Faria, com o sr. Angelo Zuzarte Cortesão Casimiro, filho da sr.ª D. Judite Zuzarte Cortesão Casimiro e do sr. capitão Augusto Casimiro.

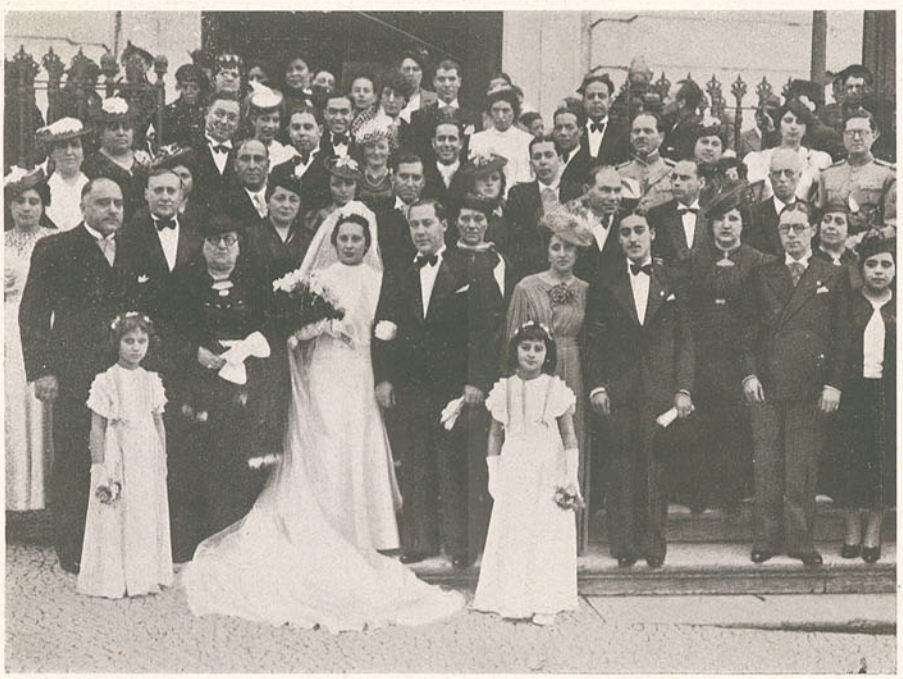
Foi celebrante monsenhor dr. Carneiro de Mesquita, amigo íntimo e antigo condiscípulo do pai da noiva.

A cerimónia que teve um carácter muito íntimo, devido a um luto recente serviram de padrinhos, por parte da noiva o sr. dr. Raúl de Faria e D. Berta Carneiro de Magalhães de Faria, e, por parte do noivo, o major sr. Pedro de Almeida e a sr.ª D. Adozinda de Almeida.

Aos noivos fôram oferecidas muitas prendas.

— Pela sr.ª D. Maria das Dores de Meireles Teixeira da Mota foi pedida em casamento para seu filho, sr. capitão de engenharia Gonçalo Cristóvão de Meireles Teixeira da Mota, a sr.ª D. Francisca Maria de Vasconcelos e Sousa, gentil filha da sr.ª D. Maria do Carmo Rebelo de Andrade de Vasconcelos e Sousa, e do sr. D. Luís de Vasconcelos e Sousa já falecido.

O casamento deve realizar-se brevemente.



Casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes dos Santos Moura com o sr. António Alves Sampedro (Foto, Universal)

Casamento da sr.ª D. Maria Antónia de Sousa Coutinho com o sr. engenheiro José Carvajal Teles da Silva (Foto, Cabral)

— Pela sr.ª condessa de Nova Goa foi pedida em casamento para seu filho sr. D. Duarte Manuel, a sr.ª D. Mariana Rita do Vale e Sousa de Menéres Mexia, gentilíssima filha da sr.ª D. Ana do Vale e Sousa de Menéres Mexia.

A cerimónia do casamento deve realizar-se muito em breve na capela da Quinta de Santa Ana do Guerreiro, da casa Vale (Tomar).

— Pela sr.ª D. Maria Cristina Queirol Macieira de Barros, espôsa do sr. tenente-coronel João Barros, foi pedida em casamento para seu filho Henrique, a sr.ª D. Maria da Conceição dos Anjos Pereira, gentilíssima filha da sr.ª D. Maria Marta Assunção Pereira e do sr. Feliciano dos Anjos Pereira.

A cerimónia deve realizar-se ainda êste ano.

— Pela sr.ª D. Júlia Andrea Ferreira Lima da Cunha e Freitas, espôsa do sr. capitão de mar e guerra Artur Vital da Cunha e Freitas, foi pedida em casamento para seu filho Eugénio Eduardo, a sr.ª D. Maria Leonor de Saldanha Bandeira de Carvalho, gentilíssima filha da sr.ª D. Leonor de Saldanha Bandeira de Carvalho e do sr. Guilherme Abranches de Carvalho (Chanceleiros).

O casamento deverá realizar-se ainda êste ano.

— Na paroquial igreja de S. José realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Alves de Melo Abreu, com o sr. Alberto de Oliveira.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Cristina de Melo Abreu, sua mãi e o sr. Adolfo Teixeira, e por parte do noivo, sua mãi, sr.ª D. Albertina de Oliveira. Os noivos, a quem fôram oferecidas lindas prendas, partem brevemente para a África onde fixam residência.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Cristina Soares de Oliveira de Ayala Botto, espôsa do nosso colega na imprensa sr. José de Ayala Botto.

Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

— Em casa de seus avós, na Foz do Douro, teve o seu bom sucesso, dando à luz dois interessantes gémeos, a sr.ª D. Maria Luísa Martins Pereira de Menezes Veloso Ferreira, espôsa do sr. dr. Augusto Martins Pereira de Queiroz Veloso Ferreira.

Mãi e filhos encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria do Patrocínio Cândido de Magalhães, espôsa do sr. Júlio de Magalhães.

Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

JACOPO DELLA QUERCIA

A comemoração do seu 5.º centenário em Siena

Pormenor da Caridade, na Fonte Gaia, em Siena — obra do escultor Jacopo della Quercia

A cidade de Siena festejou com tôda a pompa o 5.º centenário da morte do seu estatuário Jacopo della Quercia. Filho do ourives Pietro de Agnolo, o pequeno Jacopo sentiu-se atraído para a arte da escultura. A sua primeira tentativa, aos dezassete anos, foi uma estátua equestre em madeira representando o capitão Giovanni di Azzo Ubaldini, obra que mereceu os elogios de Miguel Angelo.

A cidade de Siena, ao cabo de quinhentos anos, realizou uma exposição das obras do grande artista, ocupando as salas do primeiro andar do *Civico Palazzo*. No vestíbulo encontram-se expostas três estátuas do pai do escultor, e, na sala contígua ao Consistório, ornada com o antigo damasco vermelho da igreja de S. Martinho, outras obras do Mestre e dos seus discípulos dilectos como Valdambrino e Nicoló de Cori. Ao centro, o *Apostolo di Lucca*, obra de grande imponência e beleza, a *Annunciazione* enviada de San Gimignano, e cinco estátuas cedidas pela igreja de San Martino de Siena.

Na sala Balia fôram colocadas as obras de Cozzarelli e Federighi, e um S. Bernardino, de Vecchietta.

Na sala «Risorgimento», ornada com enfeites antigos da «Chiesa dello Spedale», e com efeitos de luz reflexa, foi posta uma série importante de estátuas da escola sienense do século VX, vendo-se, entre outras, obras de Vecchietta, Francesco di Giovanni di Sfanno, e outros.

Em duas salas contíguas figuravam as gravuras calcográficas das obras de Bologna, destacando-se a do célebre «Portale di San Petrónio».

Na capela foi exposta a gravura calcográfica da estátua de Ilaria del Carretto.

Em 1401, Jacopo tomou parte no concurso da porta de «San Giovanni di Firenze» com Ghiberti e Brunelleschi. Como não foi escolhido, o seu esboceto não chegou aos nossos dias. Seja como fôr, as crónicas dão de entender como neste concurso se procurava o gôsto particular dos florentinos, gôsto que provavelmente diferia do sienense.

Cinco anos depois, do cinzel do artista, surgia uma verdadeira obra prima: o «Monumento d'Ilaria del Garreto», destidado à Igreja de San Martino em Lucca».

Em 1408, após várias obras de menor fôlego, Jacopo completou uma «Madonna col bambino» para a Catedral de Ferrara, tendo alguns críticos levantado dúvidas quanto à sua autoria.

Verificou-se, por fim, que se trata de obra do Mestre sienense.

Nesta imagem descobre-se, na verdade, a doçura de expressão do mármore de «Ilaria» e a firmeza plàstica dos seus panejamentos.

Depois, Lucca convida-o a decorar o interior da «Duomo» com 12 estátuas; um outro pede duas pedras tumulares para a Capela Trenta; Siena confia a Jacopo a «Fonte Gaja nel Campo».

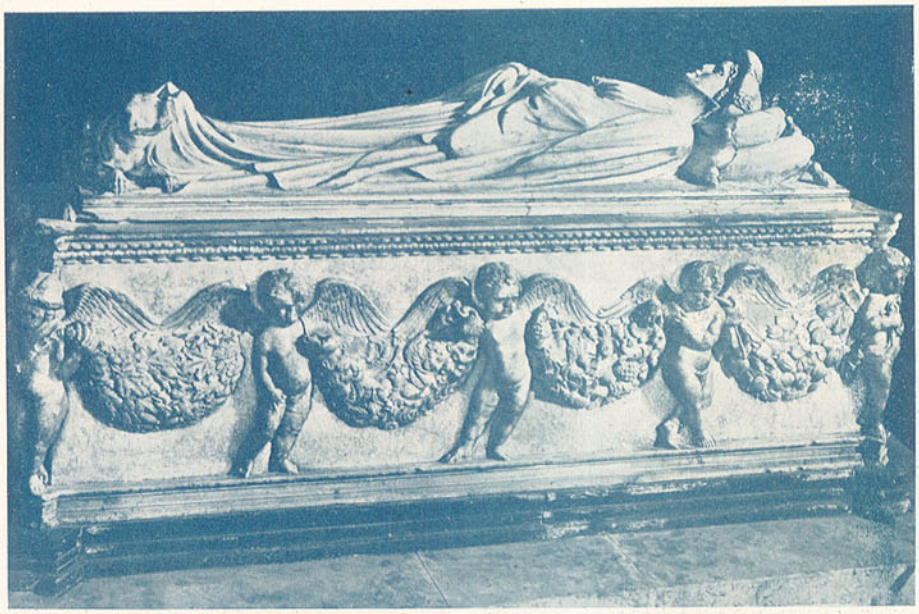
Siena, confiando a Jacopo, o trabalho da «Fonte Gaia», fixou o prazo de 20 meses que se estendeu a 7 anos.

A obra constitui ainda hoje uma das obras primas da escultura: as estátuas e os baixo-relevos têm aspéctos delicados, o conceito é feliz e o encanto manifesta-se com uma grande doçura.

Se «Ilaria del Carretto» levantou o renome do Mestre, a «Porta Maggiore del San Petronio di Bologna» manifesta-se como uma gema de importância capital.

Na igreja de San Martino, em Siena, em San Gimignano e algures conservam-se de Jacopo, estátuas angélicas esculpidas em lenho, duma tal humana doçura, expressão e naturalidade que arranca exclamações de alegria e espanto.

Nas diversas interpretações, elogia-se em Jacopo o naturalismo e o culto de antigo. As «Madonas» e os anjos, as histórias da igreja, a exaltação da mocidade, mesmo nas frias tábuas de sepulcro, os contornos de vida ao canto perene das águas, receberem dêste precursor miguelangelesco expressões de singela humanidade, que através dos tempos, confirma a grandeza do Mestre que Siena tão orgulhosamente exalta.



Túmulo de Ilaria del Carreto — por Jacopo della Quercia

O gabinete de trabalho de Eça de Queiroz em Neuilly

NOTAS SÔBRE EÇA DE QUEIROZ

As "Revistas" que sonhou, e a "Revista de Portugal", que realizou

II

O grande amigo em quem Eça de Queiroz mais esperanças assentara para a sua *Revista* — era Oliveira Martins, ainda que êle andasse muito embrenhado na Política e muito assombrado pela politiquice.

Nem tôdas as cartas dos dois, que tocavam o assunto, foram publicadas. Mas duas das cartas de Eça a Ramalho Ortigão, ultimamente publicadas no *Dom Casmurro*, do Rio de Janeiro, deixam ver que houve então entre os cordeais companheiros d'*As Farpas* alguns equívocos, que não deixariam de ser desagradáveis, e de que Oliveira Martins teria sido o involuntário causador.

As Farpas haviam cessado a sua publicação, definitivamente, em 1882, e estava sendo reünida em volumes pela Casa Corazzi a colaboração de ambos os escritores.

E é manifesto que, mais de uma vez, êles tinham falado duma *Revista* em que de novo se associassem, sendo, como em 1871, Eça o da iniciativa.

Pois quando, decerto por haver desesperado de o arrastar à emprêsa, Eça, sòzinho, põe mãos à obra, o que se dá?

Ramalho Ortigão dissente, e, ao que parece, procura separar-se da *panelinha* do seu grande amigo, que contava com êle como um dos principais, senão o principal colaborador; tenta erguer tenda à parte.

Ainda que, infelizmente, não esteja publicada nenhuma das cartas de Ramalho a Eça, pode, um tanto, restabelecer-se a verdade sôbre êste conflito literário.

Escrevia-lhe Eça, em carta, datada de Paris, a 26 de Novembro de 1888:

"Vêm tarde tôdas as considerações sôbre a *Revista*, que se deveria fundar. Êste negócio marcha desde Setembro, e há cartas minhas para Genelioux, que, sem estar cobertas de selos do Estado e de firmas de tabeliães, me prendem todavia tanto como se as revestissem êsses símbolos tremendos. Concordo que uma *Revista bleue* era a publicação mais adeqüada a Lisboa; concordo com tanto mais alvoroço, quanto essa é uma velha idéa minha, com que muitas vezes em Lisboa tentei inutilmente aquecer o seu entusiasmo, e que Você agora devolve, envernizada de novo, e ornada dum penacho sul-americano.

"Se dei a esta *Revista* o feitio mensal é que êsse era o único compatível com a minha residência no estrangeiro; mas, afora esta razão de pessoal fôrça maior, persisto em crer que, se no género *Revista* Portugal de alguma coisa precisa, é duma *Revista* de índole inglesa, como a *Contemporany* e a *Forthnigthy* (em que a nossa é baseada) e não duma *Revue Bleue*.

"Enquanto à sua idéa de fazer uma *Revista*, não para nós mesmos e para o nosso país de origem, mas para as gentes do Pacífico e dos Pampas — ela seria *buffa*, se não nascesse dessa nobre e tocante tendência que Você tem de amar, com inteira ternura, todos os povos que visita».

Ramalho fôra ao Brasil em 1887, e alongara o seu passeio por alguns outros países da América do Sul, projectando escrever um ou mais livros sôbre as impressões que dessas nações recebera, como antes fizera com a Holanda.

Eça continua:

"Aqui há três anos Você decerto me teria proposto dedicar a *Revista* à Holanda. E se daqui a anos Você fôr à Romélia e ao Montenegro, tenho a certeza que me há de convidar a voltarmos para êsses cêrros bárbaros os olhos da nossa alma, como para o verdadeiro Sinai da Inteligência!

"Meu querido Ramalho! Revistas e jornais para a chamada *América Latina* — têm-se criado às dúzias, às grosas. Todo o literato, colocado na passagem dos paquetes do Pacífico, pensa imediatamente em exportar literatura para essas regiões selváticas. Têm-se fundado dessas *Revistas* em Londres, em Liverpool, em Bordeus, no Havre, em Génova, em Cádiz! Umas em francês, outras em espanhol, outras em português ou pseudo-português. Tenho-as visto, tenho-as folheado com o devido horror! Ainda há meses, em Londres, me caiu nas mãos um dêsses monstros, chamada (como Você queria para a nossa) *Revista de la América Latina!* — Pois tudo isto, comercialmente, tem falhado — porque o sul-americano é, de todos os seres humanos, o mais indiferente à *letra-redonda*. São chamados civilizados — por se saberem servir, mais ou menos gôchemente, dos intrumentos de civilização que os outros inventam: mas êles próprios nunca tiveram um acto de civilização original — isto é, nunca tiveram iniciativa na esfera do Direito da Filosofia, da Religião, da Arte, nem uma só ideia sua, nem um feito, nem uma descoberta, nem um folhetim, nem um dito! A poesia parecia dever ser a sua expressão intelectual instintiva; pois, se Você lêr, como eu fiz, a colecção dos poetas mexicanos, chilenos, argentinos, etc., verá que êles são infinitamente inferiores aos líricos do *Almanaque de Lembranças*. Eu conheço-os, vivi entre êles».

É implacável, até ao extremo de bradar: — "Se Você me torna a falar na *América Latina*, agarro dum arrôcho!»

Eça distinguia entre o Brasil e a América Latina; e, ideando a sua *Revista*, só contava com Portugal e Brasil — como hoje diríamos, com a Lusitânia de Aquém e d'Além-Mar...

Depois vem os cálculos de venda:

"Vender-se-ão 3.000 exemplares? Você, nas primeiras linhas da sua carta, diz que só se colocarão 300 exemplares, e de graça, nas mãos dos nossos amigos. Depois, adiante, partindo da idéa errada que Genelioux, como base de negócio, me fixava um limite de 2.000, acha pouco, chama ladrão ao Genelioux, e lembra o dito dêle — que nós "temos 4.000 leitores certos». De sorte que Você, simultaneamente, na mesma página, julga a *Revista* — como operação comercial — destinada a um fracasso e a um *succés!!*»

E tendo assim assentado as costuras ao seu amigo, esclarece o seu desígnio:

"Que importa! Isto é um empreendimento de literatura, e não de dinheiro — que eu ganharia mais a meu gôsto, e em maior quantia, continuando a fabricar romances. Mas tive, como qualquer *chauvin*, o meu fogacho de patriotismo. A imprensa que entre nós domina, fala de alto, faz e desfaz a História — é mais sórdida e vil que o vómito dum ébrio; por outro lado não há em Portugal um bocado de papel, onde se discutam, sèriamente e com especial saber, as coisas vitais do país, onde as obras tenham o seu comentário, e onde se produzam os espíritos elevados que hoje (e isto sucede a Oliveira Martins, a Antero, a Teófilo, a Você próprio) não têm um jornal decente, onde decentemente digam o que pensam.

"Ora, nestas condições, eu decidi sacrificar-me, e fundar êsse bocado de papel.»

Em vão tentaríamos definir mais completamente o que foi essa generosa iniciativa da publicação da *Revista de Portugal:* as palavras, tão simples e despretensiosas de Eça de Queiroz, dão-lhe o maior, o melhor relêvo.

E como se queixa da deserção do seu querido Ramalho e da sua incompreensão!:

"É, até certo ponto, um acto patriótico — para o qual contei com tôdas as adesões. E elas vieram, largas e convictas, mesmo dos mais endurecidos cépticos como o Casal, o António de Serpa, etc. Todos os nossos amigos se lançaram de alma, no caso. O. Martins tem-se dado *un mal du diable*. Junqueiro, o mais indolente dos homens, tem-se agitado. Etc., etc. Só uma adesão me faltou — a sua! Quando eu estava certo que Você, que tantas vezes tem declamado contra a nossa degradação de imprensa, me ia gritar — *vamos a isso com gana!* — escreve-me Você, propondo-me não sei que fantástico meio de nos pormos a reboque de Montevideu e da Bolívia, e termina por me dizer, por demais, e com a mais sacudida indiferença: — "escreverei todavia, se isso lhe convier».

"Quási me ia zangando — e abstenho-me doutros comentários sôbre esta resposta, dada a um velho camarada, para me não deixar ir a palavras de melancólica amargura».

Todavia prossegue:

"Acresce a isto que O. Martins me escreveu, há dias, uma carta onde se encontra êste período: — "Ramalho veio aqui propôr-me uma imitação da *Revue Bleue*. Fiquei surpreendido, e contei-lhe o teu plano. O querer fazer-te concorrência seria idiota, etc.» — Não compreendi bem. A êsse tempo, já Você, querido Ramalho, devia ter recebido a minha carta. De sorte que todo êste caso se perde no vago duma trapalhada».

Notaremos que esta citação de Oliveira Martins devia ter sido feita de cór, sem ter a sua carta à vista, e tendo-a interpretado um tanto levianamente.

Na *Correspondência* do historiador, publicada pelo seu sobrinho Francisco de Assis, vem assim:

"Escreveu-te o Ramalho? Êle veio aqui propor-me uma revista semanal no género e tipo da *Revue Bleue;* disse-lhe os planos que tinhas, e que antes de prosseguir conviria escrever-te, pois não quereriamos nenhum de nós fazer concorrência. Seria idiota».

Ramalho recebeu as admoestações de Eça, e respondeu, decerto desgostoso, desfazendo-se em explicações. O bom Ramalho!

Eça rejubilou, sermoneando-o em tom jocoso (carta de 19 de Dezembro de 1888):

"A que tempos chegámos! Já o leão precisa mostrar com argumentos, tirados da eloqüencia e não das garras, que é forte! Já o sol, agitando os raios ansiosos, precisa provar com silogismos, que é dêle que vem a luz! E já o meu velho Ramalho necessita rabiscar três páginas e demonstrar que não é um trampolineiro!... Se quando Você desatou nêsse arrasoado, eu estivesse junto de si, tinha lançado mão dêsse marmeleiro que Você parece guardar para os ombros dos seus amigos obtusos. Como estava a dois dias de viagem, encolhi os ombros até êles me ficarem mais altos que a cabeça, e gritei três vezes: — Cêbo! Oh asinal Ramalho, donde depreendêste tu que eu te suspeitasse de ires ao lusco-fusco, a casa de O. M., embuçado na capa da iniqüidade, propôr-lhe uma traição contra um velho camarada? Eu posso ser pronto e acessível à desconfiança como uma lebre. Mas conhecia bem a data em que mandara a notícia da Revista a O. M. e a data em que a mandara para a Calçada dos Caetanos. E nunca a obsecação da desconfiança, num ser pensante, pode ser tão densa que lhe faça esquecer que, na mesma semana, o Sábado vem depois da Segunda-Feira, e, no mesmo mês, o dia 30 depois do dia 15! O que eu quis pôr em evidência, citando a carta de O. M. era a estranha falta de harmonia que entre nós se dava nêste caso da *Revista* — uma desharmonia, que se produzira tão pronta e instintivamente que, enquanto eu cá planeava e organizava uma Revista de certo feitio, Você aí, sem nada saber, meditava uma Revista de feitio justamente opôsto. Quando eu contava que nos íamos achar em colaboração — vi que nos achávamos em contradição: e isto desde logo introduzia no meu plano um dissolvente elemento de trapalhada».

E segue, sôbre êste motivo de trapalhada, atrapalhando, até concluir a objurgatória:

"Era isto que eu queria notar. Se a minha prosa me traíu e lhe levou a minha idéia pouco nítida, Você, homem abominável, devia estar (tinha obrigação de estar) bem certo de mim, para vêr logo que o mal estava na minha redacção — e não na minha intenção. Viu o contrário, e eu tenho o direito de lhe gritar, como supremo resumo: *Irra, animal!*».

Mas Eça tem ainda um certo ressentimento, e desabafa:

"Enquanto ao seu "tom sêco» na promessa de colaboração — não me retrato. Caramba, foi sêco, foi árido! Não o seria vindo do José Luciano ou do defunto Fontes. Mas, quando se está habituado, numa experiência de 20 anos, a receber sempre dum amigo, em tudo, um *sim* efusivo, e gritando com a bôca aberta, fica-se um pouco entupido ao receber um *sim* restringido e vindo através de lábios fechados. Você diz agora que não é assim; eu continuo a dizer que foi assim. O melhor é acharmos que temos ambos razão — e venham de lá êsses ossos!»

Mas, receando que o seu amigo não esteja ainda bem convertido, explica-se:

"Agora em quanto à *Revista*. Só posso repetir que eu estou, por ora, prêso ao Chardron — e votado à Revista Mensal. Mas acho que nesta sua carta (a carta da desconfiança, para por êste nome a distinguir da outra) Você tem, em muitos pontos, grandemente razão — exceptuando sempre essa América Espanhola, que tem o dom de me irritar. É evidente, como

Página dedicada pelos Pontos nos i i à *«Revista de Portugal» da iniciativa de Eça de Queiroz*

Inauguração do monumento a Eça de Queiroz, em 9 de Novembro de 1903 no Largo do Quintela – Ramalho Ortigão lendo o seu discurso – (Desenho tirado do natural por A. Veiga)

Você diz, que a *Revista*, rompendo por um *succés*, há-de ao fim dum ano, quando muito de ano e meio, falhar pelo lado da colaboração. Não sómente os colaboradores são poucos, e são indolentes — mas quási todos, quando fecundos, têm apenas um artigo no crâneo. Dado êsse artigo, ficam vasios. A *Revista*, além das suas secções fixas, precisa de três bons artigos por número — três artigos de Crítica, de Ciência, de Literatura geral. São no ano 36 artigos. Eu tenho 40 colaboradores. É a conta: — a Revista dura um ano!»

E como, apesar do apêgo às suas ideias, Eça tem um grande sentido de conciliadora tolerância, não se fica por aqui a sua consolação ao velho camarada:

"E então? E então, muito querido Ramalho, ao fim dum ano, ou antes, muito antes, quando se sentir que ela vai a falhar — transformâmo-la na *Revista Semanal*, género *Spectator*, amalgamado com *Revue Bleue*, e vendêmo-la nas ruas, não de Buenos Aires, mas de Lisboa, por um pataco ou três vintens... Entra então em cena o seu projecto, com a maior soma possível de *verve*, e a menor porção possível de Montevideu. E estou convencido que essa *Revista* pega, e com *colle à froid*. Lucra ela, porém, em ter vivido um ano, sob a massuda forma *des Deux-Mondes?* Lucra manifestamente: — lucra ter já um fundo de assinantes; um corpo de colaboradores que sabe do "tónico esforço de procurar escrever bem»; e uma massa geral de Público, tendo tomado o gôsto à literatura bem feita, e sem desejos de voltar a alimentar-se nas *Novidades* e no *Reporter*. Tudo isto é um terreno bem preparado, e são excelentes os materiais de construção. Não há casas melhores, nem mais pitorescas para se habitar, do que as que se erguem sôbre as ruínas dum convento».

E, ainda, como quem, para mais lhe chamar a atenção, lhe pega pelo botão do casaco:

"Não há motivo, pois, para que Você me não dê êsse *sim* efusivo, e berrado a tôda a voz — que eu insisto, em afirmar que Você me não deu. É necessário mesmo já no convento *(Revue des Deux Mondes)* ir preparando a casa ligeira que, depois, queremos levantar. Eu, por exemplo, talvez organize na *Revista* uma secção alegre, sob o título de *Notas do Mês*. Não a anuncio no *Programa*, que é solene e pronunciado com *ore rotundo*. Mas apresento-a de surprêsa».

E o sim pelo não, vai-lhe logo distribuindo tarefa:

"Você, por seu lado, deve dar, desde logo, alguma coisa de brilhante, de novo, de bem humano, e de bem moderno. Tenho até para Você um assunto — ou antes um título para Você encher. É — *A Sociedade no Rio de Janeiro*. Sociedade, no sentido de *monde*. No primeiro número, isto seria *supinamente vantajoso*. Fazia no *Brasil* o sucesso do número, e, desde logo, da *Revista*. *Qu'en dites vous?* Se é necessário suplicar — aqui me tem de mãos erguidas! Para o segundo número, havia, regressando à nossa terra, outro artigo a lançar — *A Sociedade e a Política* — isto é, a relação actual, ou antes a incompatibilidade actual da *gente da política* e da gente do mundo, dos *centros* e dos *salões*. Eu toquei êste ponto, nos *Maias*, numa frase. Ele necessita um volume. Porque é que o Conde de Gouvarinho não recebia os seus correligionários nas suas *terças-feiras?* Daqui todo um estudo social — sôbre os políticos, seus costumes, modos, talentos, e unhas roídas».

Eça de Queiroz — caricatura de Stuart

Era uma doutrinação! Ramalho não gostou? Não tenho aqui comigo a colecção da *Revista de Portugal*, que o meu querido amigo António Lelo me deu vai para vinte anos, mas como a folheei muito, quási posso afirmar que nos seus 24 números não há uma linha de Ramalho Ortigão... Ficou os dois anos à espera que se passasse do mosteiro para o airoso *cottage*, que preferia para sua habitação, sem se dar por convencido a entrar na cela que lhe destinava Eça!

Todavia êste dava-lhe do melhor que tinha: não sei se repararam na semelhança dos assuntos dos artigos que propunha a Ramalho — senão, dos títulos! com os dos trabalhos que João da Ega dizia já preparados para a *Revista de Portugal*, que êle e Carlos da Maia, fundariam: — *A Capital dos Portugueses* e *Porque falhou entre nós o sistema constitucional*. Claro, abrangendo no mesmo ciclorama a Lusitânia d'Aquêm e d'Além Mar...

A Revista de Portugal, apareceu em Julho de 1889. Atravessando várias crises, a sua publicação só terminou em 1892.

E o *Magazine?*

Em 1895-96 tentou-o: seria êle o Director, e Alberto d'Oliveira o Secretário. Devia ser editado pela Casa António Maria Pereira. A capa foi composta por Columbano. Os primeiros números estavam prontos a entrar no prelo. Chamar-se-ia *O Serão*.

Alberto d'Oliveira indica como causas de falência dêste projecto, tão adiantado, o facto de Eça ter regressado a Paris (estava a férias em Lisboa, quando se realizaram as combinações) e o de êle ter ingressado no Ministério dos Estrangeiros.

Mas é licito supôr que, ainda que privado de tal Secretário, Eça não desistiria.

O que o demoveu decerto foi a fundação, em Paris, duma revista luso-brasileira — *Revista Moderna* — da qual seria o inspirador e em que, a princípio, pôs grandes esperanças. Fez a sua apresentação, e nela publicou alguns contos e vários outros escritos, além de grande parte d'*A Ilustre Casa de Ramires*.

LOPES D'OLIVEIRA.

ATRAVÉS DE PORTUGAL

Quantas vezes nos acontece procurar longe o que tão perto temos, um gasto inútil de energia, dinheiro e tempo.

Muita gente viaja através de todo o mundo conhece a beleza ardente da Andaluzia as maravilhas de Granada, os encantos de tôda a Espanha, tão cheia de seriedade nos seus aspectos, as païsagens suaves da França na Zauraine, maravilhosas de luz na Provença, grandiosas no Alto Delfinado.

As belezas dos lagos da Suiça onde se refletem as montanhas soberbas, que a neve corôa como uma branca cabeleira. Desceram o Reno entre soberbos castelos. Percorreram as païsagens suaves da Inglaterra e da Irlanda.

Estenderam até á América do Norte e do Sul as suas viajens e não conhecem de Portugal senão Lisboa e os seus arredores.

E no entanto Portugal sendo um país pequeno tem dentro das suas fronteiras, tôdos os encantos e belezas, que tão longe vamos procurar.

Desde as praias de incomparáveis areias douradas, ás vastas planícies, á montanha soberba, tudo nós temos no abençoado torrão, que temos a glória de ter por pátria.

Foi-me dado agora percorrer duas províncias que não conhecia e que deixaram no meu espírito uma perdurável impressão de beleza e de riqueza.

Riqueza de païsagem duma impressionante beleza que uma incomparável luz põe em destaque e relêvo.

Essas duas províncias são o Alentejo e a Beira Baixa e um pouco da Serra da Estrela.

Tenho viajado bastante, tenho visto païsagens lindas, mas as planícies e montados, que agora percorri, as serrânias que visitei, não são inferiores em beleza e graça ao que já vi por tão variados países.

Ao saír de Lisboa em automóvel logo a deslumbrante travessia do rio em que a cidade em sete colinas se nos apresenta como pano de fundo, faz com que a viagem comece com o mais profundo interesse. As terras ricas da Outra Banda com os seus extensos vinhados, os olivais de prometedora abastança, tornam suave a païsagem que a primavera esmalta de tôdas as côres, que as deliciosas flores silvestres possuem. Pinhais lindíssimos, cortam o que se poderia tornar monotonia, e. o encontro da grandiosa propriedade de Rio Frio, com o seu palacete e dependências agrícolas, põem-nos em contacto com as grandes fortunas alentejanas. E começa diante de nós o Alentejo.

A estrada magnífica leva-nos a Vendas Novas onde recordações de outros tempos, nos fazem sentir o engrandecimento duma terra e a sua crescente prosperidade.

Casinhas brancas, com as janelas floridas e brancas cortinas de impecável asseio dão-nos a surpreza duma civilização, que evoca os chalézinhos suiços de tão gracioso aspecto, que encanta os olhos.

Montemor faz-nos sentir o que é uma rica vila alentejana com as suas moradias que são verdadeiros palácios, e a alvura deslumbrante das casas que ladeiam as suas limpas ruas, que apresentam um atestado de asseio aos seus habitantes, que muito os honra e os pode orgulhar porque é verdadeiramente impecável.

Arraiolos em seguida com as ruinas do seu velho castelo, que as floridas olaias rodeiam, como um garrido «bouquet» ao peito de velhinha vaidosa, faz-nos evocar os lindos e velhos tapetes, glória de arte das mulheres de Portugal, que principiaram nas santas mãos de monjas, daquela terra.

Casas lindas, palácios grandiosos e por tôda a parte êsse aspecto de abastança, que consola e encanta.

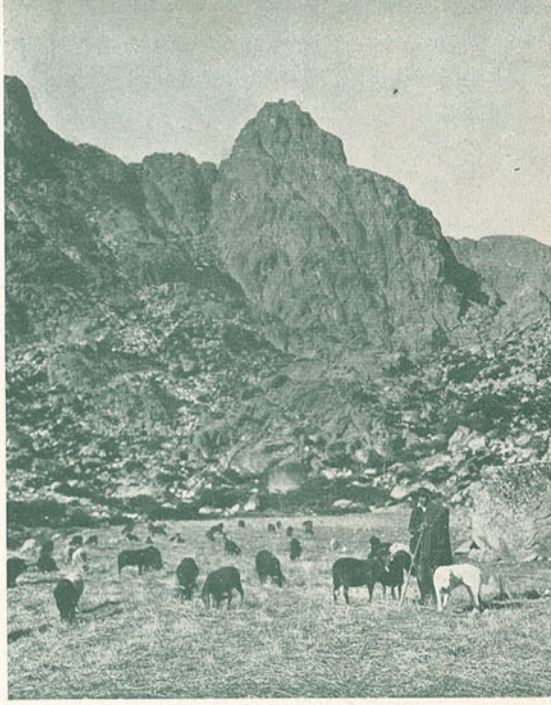
A estrada que de ali nos leva a Extremoz, torna se deslumbrante, caminhamos entre o oiro do tojo e das giestas floridas. entre os extensos olivais ou sobreirais, que lembram a riqueza duma cultura, que engrandece um país. Extremoz aparece garrido e branco ao longe, começamos a rodear muralhas e passos duma grande e antiga fortaleza e repentinamente estando em frente do arco artístico da porta de entrada, da vila, que se conserva fechada na antiga fortaleza. Bonita e alegre vila com as suas igrejas de valor inestimável, com o seu gracioso e amplo jardim que acolhe os viajantes, como sorriso em bôca de jóvem bela.

Sai-se por outra porta da fortaleza; que a linda vila é ciosa de seus encantos e não os esbanja, por livres estradas. E aí vamos a caminho de Portalegre atravessando povoações e enormes extensões em que ondulam espigas de sementeiras, onde as papoilas põem já o rubro das suas corolas, as vaidosas papoilas, que sacodem os seus chapelinhos vermelhos.

Portalegre já nos começa a dar um aspecto um pouco diferente, começa-se a subir, montes cercados de verde, casas brancas, um sanatório, atesta-nos a excelência do ar e a casaria de aspecto rico diz-nos, que a cidade vive em abastança.

E logo seguimos uma trepadeira constante a caminho de Castelo de Vide, a Sintra alentejana. Mas deixamos ao longe a linda vila, e, seguimos para Niza, porque a tarde aproxima-se e Castelo Branco ainda está longe.

Niza uma pequena e alegre vila, e lá vamos correndo através duma estrada esplêndida. Um deslizar suave que nos embala. Estamos já nas proximidades do Tejo, a estrada em contínuas curvas leva-nos a uma das mais soberbas belezas do nosso país as Portas de Rodam.



O Cântaro Magro na Serra da Estrêla

Ao chegar á ponte que atravessa o Tejo, uma parágem para admirar a incomparável e grandiosa majestade da vista que em frente nos deslumbra.

O Tejo corre entre floridas margens, que a luz suave de meias tintas duma tarde de primavera, envolve na sua doçura. E ao fundo as duas paredes de basalto em estreita garganta, guardam o rio, como sentinelas vigilantes que a custo deixam escoar as suas cristalinas águas, como se quizessem unir se, apertá-lo ali e não o deixar correr mais, guardá-lo nesse aumento ampleixo, conservá-lo para si e para a fertilidade desses vales que para o outro lado o rio percorre em curvas suaves e doces.

Espreita-nos ao longe Vila Velha de Rodam, entramos na Beira, começamos a subir e a païsagem a mudar de aspecto, mas não é só a païsagem que muda, as casas já não são brancas e garridas, as flores e as cortinas já não guarnecem as janelas. Casas negras de pedras soltas telhadas de negra telha atestam um desconfortável viver que o clima áspero deve tornar doloroso em excesso, para a pobre gente que nos vê passar.

Castelo Branco avista-se. É uma cidade de boas casas, estreitas ruas, largos bonitos, boas lojas, e palácios grandiosos aqui e ali. As igrejas são grandes e de aspecto rico.

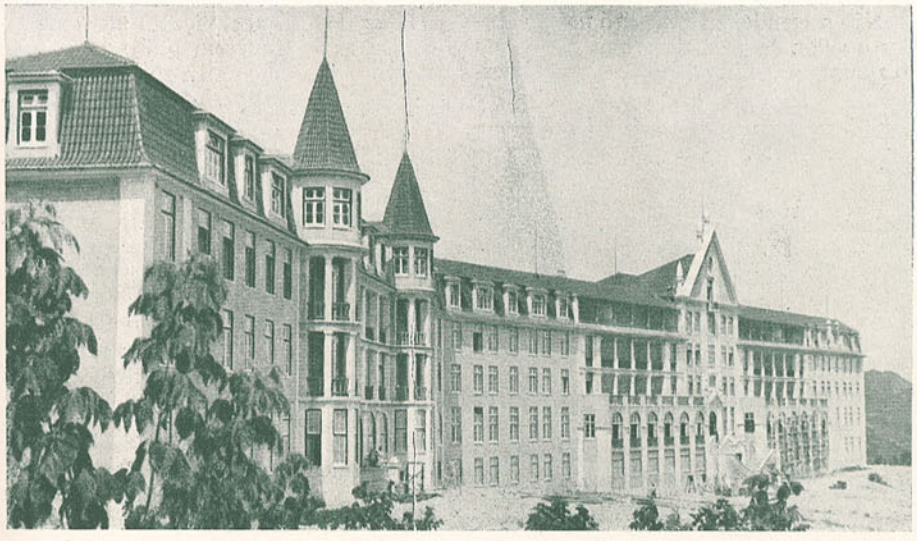
Mas temos de seguir não é êste o termo da nossa viagem e a Covilhã espera-nos ao longe.

E começamos a trepar; a Serra da Estrela já é o pano de fundo da païsagem. E em pouco tempo começamos a ver a Covilhã branqueando nas faldas da Serra.

A Covilhã que a imagem de Nossa Senhora protege, é uma terra fabril, rica, tôda em estreitas ruas e escadarias, centro hoje de turismo, para as penhas da saude onde no inverno os esquiadores se divertem. Depois dum repouso de dois dias nessa cidade de água deliciosa e ar puríssimo lá fomos á Serra.

E aí o deslumbramento foi completo. A estrada estreita e difícil atravessando a densa e formosíssima floresta, causa um certo susto. A meio caminho um lindo mirante oferece-nos a mais deslumbrante vista sôbre a cidade, a encosta e o vale.

Seguindo para diante encontramos o grandioso Sanatório Ferroviário que não tem que invejar em nada os melhores da Suiça, nada lhe falta mas. . está fechado porque não tem dotação para funcionar e receber os doentes e entretanto. . morrem em Portugal tantos e tantos tuberculosos sem assistência alguma, confrange-se-nos o coração ao pensar que se está a estragar êste edifício que custou milhares de contos, e de nada serve aos que tanto sofrem.



Aspecto geral do Sanatório Ferroviário na Covilhã

Maria de Eça.

O americano Cunningham, que vemos cortar a meta vencedor no campeonato da milha em pista coberta, propõe-se esta época bater o record mundial daquela distância, que os seus tempos constantemente aproximam

A velocidade é, incontestàvelmente, a ambição sempre insatisfeita da velha humanidade; galgar ràpidamente o espaço trás ao indivíduo a emoção vertiginosa do triunfo sôbre as forças inertes da natureza e qualquer progresso na rapidez de deslocação, fácil de verificar pela mecânica infalível de aparelhos apropriados, é testemunho incontestável de aperfeiçoamento ou acréscimo de capacidade física.

Em todas as variantes de desporto, a velocidade é a virtude soberana, a que domina todas as outras e aquela que mais apaixona a opinião pública; nos desportos mecânicos é ela procurada como o objecto essencial do trabalho científico dos construtores e do arrojo sem limites dos tripulantes das máquinas.

Embora sejam conhecidos todos êstes factores e, a evolução do progresso nos tenha habituado ás mais extraordinárias proezas, foi acolhida com admiração a notícia de haver sido batido o récord da velocidade de vôo pelo piloto alemão Hans Dieterlé; surpreza que não provinha do valor do limite atingido, porque nesse campo já nada pode surpreender, mas da circunstância de haver sido num aparelho terrestre que o aviador conseguiu o seu intento.

A máxima velocidade até à data conseguida no ar, era de 709,^{km}209 e fôra obtida em 24 de Outubro de 1934 pelo italiano Agello em hidro-avião bimotor com 2800 c. v. de força motriz; em avião terrestre o récord fôra fixado pelo alemão Wurster em 610,^{km}950, e esta inferioridade resultava da impossibilidade de conseguir em aparelhos extremamente rápidos uma velocidade mínima que permitisse a descida em terreno firme.

O êxito da tentativa de Dieterlé demonstra os enormes melhoramentos técnicos realizados em matéria de aviação; o motor do aparelho de que se serviu tinha apenas 1175 c. v. de força e os dispositivos de hipersustentação introduzidos na moderna construção permitiram reduzir a velocidade mínima sem prejuizo do aumento da velocidade máxima.

Estes 746 quilómetros por hora são a imagem precisa dos progressos gigantescos alcançados com a aplicação científica das fórmulas modernas e a conseqüência do rendimento exepcional dos actuais motores de aviação.

★

Foi incontestávelmente brilhante a representação portuguesa nos Campeonatos da Europa de hockey em patins, onde uma vez mais conseguimos a 3.ª classificação, competindo com as equipas de seis nações: Inglaterra, Itália, Alemanha, Bélgica, França e Suiça.

Tendo vencido no primeiro dia do torneio o grupo italiano, foi por êste contestada a legalidade do resultado e anulado o encontro à face das declarações posteriores do árbitro; na repetição do jôgo, disputado na manhã da jornada de encerramento, fomos largamente batidos e, defrontando mais tarde a França, competidor dos mais fracos, melhor não obtivemos do que o empate.

Não pretendemos nesta crónica comentar o valor de acontecimentos que foram o assunto preferido das conversações desportivas durante o tempo em que conservaram frescura, nem tão pouco pronunciar julgamento acêrca da justiça de decisões sôbre as quais não possuimos elementos definitivos; parece-nos apenas interessante, depois de arquivar um facto que prestígia, sem dúvida, o arquivo internacional do desporto português, extrair uma conclusão da forma como decorreu a actividade dos nossos representantes e aproveitar-lhe os ensinamentos para futuro.

O exame dos resultados dos portugueses nos sucessivos encontros em que tomaram parte mostra-nos à evidência um decréscimo regular de eficiência; aos dois triunfos notáveis que coroaram a primeira jornada do campeonato, antepõem-se dois fracassos indiscutiveis no dia da conclusão da prova. Temos a impressão de que a Itália e a França, defrontando Portugal no dia da abertura (e êste argumento verificou-se em parte) não se sairiam tão airosamente da contenda como o fizeram mais tarde.

Houve, portanto, uma quebra de capacidade realizadora nos jogadores nacionais, a qual só pode ser atribuida a fadiga resultante dos rigores duma competição intensiva, muito além dos moldes daquelas que estão habituados a disputar no país. Como a preparação que seguem é, quando muito, suficiente para as exigências dessa actividade moderada, sucedeu em Montreux faltar-lhes resistência física para os repetidos e próximos esforços exigidos pelo programa do torneio.

Não será, pois, arrojo afirmar que a equipa portuguesa foi prejudicada no aproveitamento da sua classe desportiva pela insuficiente ou imprópria preparação física prévia.

Os dirigentes do desporto português não olham em regra a êste pormenor, interpretando-lhe a importância capital como digna de somenos atenção: escolhem os elementos de maior classe e em melhor forma, aperfeiçoam-nos técnicamente, mas esquecem que a resistência física, o arcaboiço atlético, são as bases sôbre as quais devem assentar as faculdades que cultivam em especial. E se as bases ruem, o edifício desmorona-se, por mais sólida que seja a sua construção.

Uma vez ainda vem à evidência portanto, o êrro estrutural do desporto lusitano. Engana-se quem nos suponha privados de qualidades naturais para a prática dos exercícios físicos e interprete as derrotas sofridas como sintoma de irremediável incapacidade; o atleta português é capaz de igualar os melhores, e consegue-o às vezes num rasgo de energia heroica ou de inspiração excepcional, mas alcança-lo-ia com regularidade se lhe fôssem incutidas no ânimo desde a mocidade as regras da disciplina desportiva e habituado o corpo aos preceitos da educação física rigorosa.

A crise do desporto português não é uma crise de faculdades rácicas; é o produto da carência de recursos do meio e da ignorância de processos dos orientadores técnicos. Compensada uma e corrigida a outra, os resultados responderiam pela razão dêstes argumentos.

A partida do campeonato nacional de «cross», na categoria dos juniores, prova da qual saiu vencedor o sportinguista Afonso Henriques, o segundo a contar da direita

A QUINZENA DESPORTIVA

★

A proclamação dos resultados das diversas competições que compuzeram os torneios de gimnástica educativa e desportiva que o Gimnásio Clube Português organizou no mês passado, e nos quais a colectividade promotora conquistou, como era esperado, larga parte de leão, encerrou a actividade da simpática iniciativa; antes que o assunto passe para o rol dos casos esquecidos, é oportuno repetir uma vez mais que, a-pesar-dos defeitos e deficiências regulamentares ou técnicos que lhe possam ser apontados, êle teve certa feição de utilidade que seria conveniente não perder para de futuro, impedindo que desapareça do calendário tão pobre das actividades físico-culturais uma organização cujo passado foi brilhante e utilíssimo.

Ninguém regateará louvores ao Gimnásio pelas suas intenções de organizador; pode, quando muito, discordar-se do critério de aplicação, mas êsse é remediável desde que todos os interessados ponham na solução do problema uma parcela de contemporização e o firme propósito de servir a causa da gimnástica acima das suas conveniências particulares.

É incontestável que os concursos dêste ano, sôbre tudo aquele designado de gimnástica educativa, nos deixaram a impressão saudosa dos concursos precedentes; que diferença. entre o ambiente familiar e a frequente monotonia das jornadas de agora, e o entusiasmo, o valor e o interesse das sessões de outrora!

Reconhecemos a impossibilidade de retomar os antigos moldes, mas admitimos sem custo a hipótese de encontrar uma solução intermediária conciliatória que permita de novo a participação de todos os centros de cultura gimnástica, que fôram afinal os elementos principais do êxito do empreendimento do Gimnásio Clube.

Atraí-los de novo, deve ser o objectivo do prestimoso instituto; isolado, acusando-os de intenções que por certo nunca tiveram, não poderá alcançar os resultados que a sua obra merece.

Nos concursos de gimnástica não deve estabelecer-se a ideia da competição como primeira finalidade; a solução ideal seria aquela que assentasse sôbre uma classificação em mérito absoluto, relegando o julgamento do mérito relativo para plano absolutamente secundário. Eliminar-se-iam desta forma os melindres e as causas de retraïmento, colocando a organização no seu mais fecundo e interessante aspecto de necessária propaganda e de público testemunho da evolução e progressos duma actividade educativa imprescindível para a saúde da Nação.

Os progressos alcançados pela divulgação da gimnástica educativa devem-se em grande parte ao aumento de freqüência das exibições públicas de classes de todo o género que a iniciativa particular nestes últimos anos tem promovido em Lisboa. Mas o objectivo não alcançou ainda o desenvolvimento preciso e, por tal razão nenhum elemento da campanha pode ser desprezado.

SALAZAR CARREIRA.

O regresso da primavera foi acolhido com júbilo pelos amadores do desporto náutico e, em Portugal como em todo o mundo, os azas brancos dos barcos à vela voltaram a enamorar com a sua presença alegre as águas dos rios e lagos sôbre as quais deslisam ao impulso do vento

O hockey em campo é um dos jogos mais praticados pelas equipas femininas estrangeiras, cujas componentes lutam com entusiasmo de que esta fase é típico exemplo

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 37

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick, língua; Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; Moreno; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 28

(Totalidade — 15 pontos)

QUADRO DE HONRA

Siulno e Rosa Negra

QUADRO DE MÉRITO

Cavaleiro Branco, Marcolim, Eusapesca, Morenita, Palmira Ferreira, M. A. P. M., Aço, Alvarinho, Bíscaro, Copofónico, D. Pericles, Erbelo, Meio-Kilo, Mora-Rei, Papa-Almudes, Mr. Moto, X-8 e X-9 — 14 Ti-Beado 13. Francisco J. Courelas, Sevla, Mirna, Dama Negra, Agasio, Diriso, J. Tavares e Matina — 12. Ramou Lácrimas, Sol de Inverno, Tarata, Visconde X, Aurelinda, Anjo das Serras, e Aristofanes — 10 Cigano e Neptuno — 7.

DECIFRAÇÕES

1 — Aiaia. 2 — Perús. 3 — Prazo-dado. 4 — Empregado. 5 — Trovador. 6 — Dobrado. 7 — Patola. 8 — Gasguita. 9 — Contradita. 10 — Alcaguete. 11 — Re(fre)ga. 12 — So(tur no. 13 — Ri(mo)so. 14 — Fa(cun)do. 15 — Em caindo o Natal à segunda-feira o lavrador tem que alargar a eira.

HOMENAGEM AOS CONFRADES DE ANGOLA

O presente número desta secção é dedicado aos estimados confrades da nossa importante colónia de Angola. É justa esta simples homenagem atendendo á dedicação e carinho com que os charadistas daquela nossa província vêm r.:moseando êste «Desporto». Para eles vai a nossa estima e o nosso reconhecimento.

CORREIO PARA ANGOLA

Mr. Le Bossat. — Parabens, pelo seu triunfo no 7.º ano liceal. Como agora está liberto dêsse pesadêlo, aguardamos com maior assiduidade a vossa apreciada colaboração.

Ti-Beado. — Recebemos as suas estimadas cartas de 7 e 16 do mês de Março e 1 de Abril e respectiva colaboração. Desejamos lhe um rápido restabelecimento e maiores felicidades no futuro. Ainda temos colaboração vossa para publicar, à medida que dela formos necessitando.

Fernando Costa — Recebemos a sua colaboração e esperamos novas remessas.

Um Misterioso — Muito sensibilizado pelas suas considerações, desejamos que jámais deixe de nos honrar com a sua variada colaboração.

Enigmático e D'Artagnan J.or. Tal como já afirmámos aos colegas supracitados, agradecemos a vossa remessa de colaboração e aguardamos futuras.

Dr. Sicascar. — A êste nosso dedicado confrade e amigo devemos, particularmente, a elaboração dêste número. Recebemos a sua carta e vamos tratar do envio dum novo exemplar do n.º 314, conforme pede. Confessando-nos muito grato ficamos ao vosso dispor. Recebemos mais duas cartas com variada colaboração. O jornal a que se refere está suspenso.

Observação: O presente número entra, para tôdos os efeitos, no concurso trimestral a que diz respeito.

PRÉMIOS

Serão atribuídos, particularmente, no presente número os seguintes prémios: 1 obra literária no valor de 10$00 ao autor da melhor produção, em verso e prosa, dentro de cada espécie.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

(Saüdando os ilustres confrades do «Desporto Mental»)

1) O *moço* chegou tristonho — 7-8-1-8
Ao *regressar* à aldeia — 1-6-5
Donde partira risonho
Em noite de lua cheia

P'ra «*proceder*» como um homem — 3-5-8-1-6-5
Foi p'ra longe trabalhar:
E as mágoas que o consomem
Tráz no rosto a *transpirar* — 5-4-1-2-5

Para alimentar a vida,
Cavou num chão *venenoso*...
Com a saúde perdida
Volta à terra lacrimoso.

Luanda *Um Misterioso*

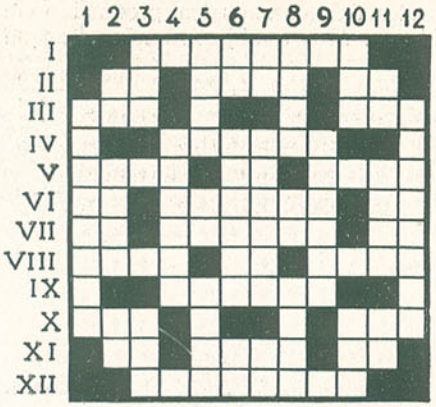
CHARADAS ADITIVAS (Antigas)

(Ao meu amigo Pedro Cardoso)

2) Era de tarde... tarde em mês de Abril...
em que se ouvia ao longe o rouxinol
saüdando os raios últimos do sol
daquele dia, tão primaveril!...

PALAVRAS CRUZADAS

N.º 6



Luanda *Um Misterioso*

HORIZONTAIS

I — Subscripta. II — Observei; pedir; bispado. III — Calote; actualmente. IV — Páteo. V — Avaliei; oh! culpa. VI — Aparência; desgostos; modo. VII — Sol (entre os Egípcios); dá coragem; ermo. VIII — Vir a propósito; artigo e proposição; par feminino IX — Género de plantas rutáceas. X — Além; velhico. XI Distava; fora! — palmeira do Brasil. XII — Donos de moinhos.

VERTICAIS

1 — Militar. 2 — Oca; datas; adivinhei. 3 — Preceptor, andavam. 4 — Lira. 5 — Ecoou; o magnificente. 6 — Passar; cingir; pilar. 7 — Nada; dominou; mofa. 8 — Instrumento de defeza; porco (invertido); sofrer. 9 — Ofendida. 10 — Ocasião; zombas. 11 — Depois; rasoira; a consciência. 12 — Suaves.

Luanda *Um Misterioso*

E, mirando essa vaga claridade,
que, a pouco e *pouco*, emfim, se amor-[tecia, — 1
Ele pensava na cândida Maria
que conhecera desde tenra idade.

Nutrindo por ela um amor profundo,
acreditou, num esto de alegria,
que ela, por sua vez, a simpatia
a ninguém mais daria, neste mundo.

Um dia, porém, foi êle *sabedor* — 4
de que ela com um outro se falava;
notou o equívoco: êle, sim, amava
porém ela é que não lhe tinha amor!

Luanda *Enigmátio (T. E)*

SINCOPADA

3) Amor é cruel «*moscardo*» estranho
que pica sem nos fazer sofrer!...
E' *cacete* de grande tamanho
que bate, que esfola, sem doer!... — 3-2

Luanda *Mr. Le Bossat*

ENIGMAS

4) Coloca a lei
entre vogais,
ambas iguais,
que um *elefante*
sem dentes v'rás.

Luanda *Ti-Beado*

TRABALHOS EM PROSA

ADITIVAS (Novíssimas)

(Ao dr. «Sicascar»)

5) O teu amigo parece uma «*laranja descascada!...*» Tão novo e já tão ...*esquelético!*... 2-1.

Luanda *Mr. Le Bossat*

6) Descubra a quem *pertence* esta «*ave*» e receberá, em paga, um *apêrto de mão.* 2-2.

Luanda *Fernando Costa*

(Ao confrade «Meio-kilo», agradecendo a sua sincopada do «Desporto n.º 30)

7) Gosto do *fado.* Tenho *pena* de não o saber cantar e, por isso, não sou *feliz.* 3-1

Luanda *Dr. «Sicascar» (T. E. — L. A. C.)*

8) *Porque se queixa* da *flor da espongeira* ? 1-2.

Luanda *Ti-Beado*

ENCADEADAS (Mefistofélicas)

9) *Casa* em que não há *cão* nem gato, é casa de velhaco *espirituoso.* (2-2)3.

Luanda *Ti-Beado*

10) Se, no decorrer da *vida, encontro* dificuldade no meu trabalho, entrego-me ao *diabo.* (2-2)3.

Luanda *Dr. «Sicascar» (T. E. e L. A. C.)*

11) Se *julga* que no «*jogo*» há felicidade, desengane-se, *cautela!* (2-2)3.

Luanda *Fernando Costa*

12) Todo o mesquinho, pelo simples *ruido* da voz, conhece a gente *estólida* da mesma *igualha.* (2-2)-3.

Luanda *D'Artagnan J.or (L. A. C. e T. E.)*

SINCOPADAS

(Ao Director, saudando-o)

13) Tudo o que é *agradável* faz-se de boa *vontade.* 3-2.

Luanda *Mr. Le Bossat*

14) Também tem *céu da boca* a «*ave*» ? 3-2.

Luanda *Fernando Costa*

15) Quem se dedica à *política,* hoje em dia, verá mal *parada* a sua vida. 5-4.

Luanda *D'Artagnan J.or (L. A. C. e T. E.)*

(Aos «novos» em geral)

16) É *digno de apreço* ver os progressos dum *principiante.* 3-2.

Luanda *Enigmático (T. E.)*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo,** redacção da *Ilustração,* Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Chegada de sir Kingsley Wood, ministro da aeronáutica britânica, a Liverpool. A gravura acima mostra o ministro, acompanhado por sir Alexander Roger, visitando, na Fábrica Automatic Telephone, os técnicos portugueses, dos C. T. T. que ali se encontram

O senhor Presidente da República com o Govêrno no Palácio de Belem no dia do aniversário da proclamação do Chefe do Estado. — *Em cima, à esquerda:* O sr. dr. Júlio Dantas, presidindo, na Academia das Ciências, à conferência de sir Denison Ross, sôbre «As viagens de António Tenrreyro»

Um aspecto da assistência ao banquete realizado em 10 de Abril no Salão «Imperium» comemorando o 10.º aniversário da fundação dos Inválidos do Comércio, modelar instituïção que é mantida pelo comércio português para uma grande finalidade de humanitarismo

PÁGINAS FEMININAS

A ordem e a harmonia são absolutamente necessárias à vida humana que em tudo tem de ser ordenada e disciplinada, para que o trabalho que cada um de nós tem de executar, seja profícuo e útil, não só para nós pessoalmente como também para os que nos rodeiam.

E a harmonia deve existir entre os nossos sentimentos íntimos e a nossa maneira de viver e de proceder, porque se assim não fôr dá-se uma verdadeira colisão entre a nossa alma e os nossos actos, que não nos deixa viver sossegadamente e em paz.

E nós mulheres mais do que os homens, se é possível, temos que ter na vida essas duas orientações da ordem e da harmonia, visto que da nossa maneira de proceder depende em geral a vida da família que está a nosso cargo e a cuja felicidade temos o dever restrito de dedicar a nossa atenção.

Uma mulher sem ordem é uma verdadeira calamidade, porque à falta de ordem junta-se em geral o desmazêlo, essa negra sombra que faz a infelicidade de tanto lar e a desgraça de tanta mulher.

O homem quando casa, não procura só êsse amor ideal, com que muita rapariga sonha, nem tão pouco a satisfação das sentidas, que muita mulher hoje, contaminada pelo meio, e, pela desmoralização de leituras e cinemas, julga ser a verdadeira manifestação do amor.

O homem quando casa e funda um lar tem em geral, quando é são e bem equilibrado, o desejo bem compreensível de ter quem lhe trate da sua casa quem lhe ponha ordem material no seu viver. Quer ter a certeza de encontrar nas suas gavetas a sua roupa em ordem, com todos os botões cosidos, quer chegar a casa com a convicção que vai descansar e que encontra um jantar a seu gôsto e servido a horas, e, quer também encontrar a sua mulher agradàvelmente vestida e penteada, de maneira, que contemplar aquela que é a sua companheira na difícil travessia da vida lhe seja um prazer.

Há muitas senhoras, muito bem intencionadas, mas para quem as horas e os relógios, não existem, e, que fazem nisso um certo luxo, do pior gôsto.

Está muito bem que quem vive só, despreze horas e não se preocupe com método e pontualidade, é uma questão de ponto de vista pessoal, que do momento que não fere mais ninguém dará um desiquilíorio à vida, de que se não pode queixar, porque só a si própria prejudica.

Mas como são pouquíssimas as pessoas que assim vivem, aquelas que têm essa tendência sejam donas da casa ou nela vivam como filhas ou subordinadas, tem o dever de se modificar, porque com uma vontade firme todos os nossos defeitos são modificaveis, para não incomodar as outras pessoas com a sua falta de ordem.

A ordem, o método, a pontualidade tornam a vida fácil não só a quem dirige uma família como aos que lhe estão subordinados. Nada mais triste do que uma casa onde reina a desordem e o desmazêlo se instala, porque é o que fatalmente acontece. A harmonia é também indispensável essa harmonia que torna tão naturais todos os nossos actos, mesmo aqueles, que aos outros parecem tão difíceis, quási impossíveis.

É que quando procedemos de acôrdo com a nossa consciência, as coisas mais difíceis tornam-se fáceis e realizam-se quási sem que fàçamos um esfôrço demasiado grande.

Que importa que uma mulher, e tantas há assim, ame profundamente o seu marido e os seus filhos, se desperdiça a sua vida em inúteis visitas, em chás e «Mah Jongs», em festas de que nada de útil resulta, e abandona aqueles que o seu coração estremece; a uma vida sem o necessário confôrto, que só os cuidados constantes duma espôsa e duma mãe podem dar.

Quanta mulher que no fundo d'a sua alma e do seu cérebro tem qualidades sérias e profundas, faz uma vida ociosa e frívola, porque não sabe equilibrar os seus sentimentos e os seus actos. Fazem essa vida, não porque a apreciem, mas sim porque é aquela que à sua volta vêem fazer e que muitas vezes as contraria e incomoda.

E tudo mudaria com a energia de saber orientar a vida no sentido do dever e de actuar nesse sentido, tornando o seu viver útil para si e para os seus.

É preciso pois ter a coragem de prescrutarmos os nossos sentimentos, de olhar à nossa volta e se virmos que vamos por caminho errado, voltar atraz e entrar na senda do dever, que embora espinhoso, muitas vezes, dá sempre consolação e pôr sempre na nossa maneira de proceder ordem e harmonia, indispensáveis a quem quere fazer uma vida séria com um fim útil.

Maria de Eça.

A MODA

Na moda desta estação nota-se uma interessante e cuidadosa harmonia nos detalhes que tornam o conjunto duma «toilette» verdadeiramente graciosa.

Como já as nossas leitoras sabem não foram só os vestidos que sofreram uma completa modificação, mas também a roupa de baixo. As combinações cedem o passo aos corpetinhos e às saias em tecidos de algodão, guarnecidas a rendas e a fitas como há vinte e cinco e trinta anos.

Estas saias devem ver-se um bocadinho e é muito elegante guarnecer o vestido de lã ou mesmo o de seda, com uma gola ou «jabot» em renda igual à da saia e também uns pequenos punhos. Na verdade êste uso dá um aspecto de frescura e juventude à «toilette» que só pode servir para tornar mais graciosa a mulher, além de que é dum grande asseio porque estas golas lavam-se com a maior facilidade tendo sempre um aspecto de novo o vestido com que se usam.

Continuo a chamar a atenção das senhoras para o comprimento das saias que voltam a usar se curtíssimas, o que nem a todas favorece. E se é natural que a mulher goste de usar o que é moda, não devemos esquecer também, que nem tudo o que é moda fica bem a tôda a gente, e, é preferível não estar no rigor da moda mas apresentar um conjnnto mais agradável à vista. As senhoras muito altas e as senhoras fortes, sejam altas ou baixas não ficam bem as saias curtas que lhes cortam a silhueta a umas, e deixa de fora uma extensão enorme de pernas às outras.

Antes de tudo a harmonia e a graça que é o que torna verdadeiramente elegante e «chic» uma senhora.

Para de manhã e viagem damos hoje um lindo trajo que tendo já a linha moderna conserva o «tailleur» em tôda a sua pureza.

Saia castanha com uns ligeiros «godets» que lhe dão uma graciosa amplidão, casaco em «tweed» formando xadrez em beige e dois tons de castanho, um mais claro e outro mais escuro. «Echarpe» fazendo o peitilho, em seda vermelha.

É muito «chic» êste ano uma nota de côr viva nas «toilettes» Canatier em palha castanha guarnecido a fita «gras grain».

Os chapeus sofreram uma grande modificação, damos um dos mais elegantes modelos em palha grossa branca, guarnecido com uma laçada de larga fita em «moirée» preta. O preto e o branco continua a ter uma grande voga. É para notar a jóia que fecha a gola do casaco em «moirée» que é dum estilo modernissimo e muito bonita.

Para a noite vestido em «taffetas» roxo com «pais» branco. Este vestido tem uma original saia que ressuscita o «tournure» de nossas avós. O corpete é fechado e as mangas largas e tufadas dão-lhe um gracioso aspecto. O penteado modernissimo termina na testa por três canudos.

Outra «toilette» de noite estilo 1856 em «faille» verde mar é tôda guarnecida a galões de contas de vidro e prata. O corte da saia é aquele que usaram as nossas avós. O corpo do vestido é guarnecido por uma «berthe» tôda bordada a contas que termina por um bico nas costas. O penteado da mesma época dá a êste conjunto um aspecto de retrato de «album» de família.

Não podemos esquecer os trajos de manhã e de casa que são indispensáveis à mulher que é sempre senhora.

Damos um gracioso «sant-de-lit» em lã côr de rosa fina e leve, que pode ser feito em setim ou qualquer outro tecido, apesar de ser mais prático e talvez mais bonito em lã.

É guarnecido com um grosso cordão em sêda côr de rosa em volta do pescoço e na cintura, terminando por duas grandes borlas em sêda. As mangas largas dobram num amplo e bonito canhão.

É prático, cómodo e bonito o que é sempre para atender. Indispensável num enxoval de noiva e da maior utilidade para tôdas as senhoras que não devem esquecer que tão bonitas devem ser de manhã em casa, como num baile à noite.

UMA ESTRANHA INDÚSTRIA

Num país da Europa Central vivem quási mil mulheres duma indústria, que é certamente das mais estranhas que existem. A indústria de fazer crescer e recolher cabelo natural, para fazer cabeleiras para as estrelas do cinema.

O pedido de cabeleiras aumenta sempre; sobretudo agora com a crescente voga do filme histórico, que tem um tão bom acolhimento por parte do publico.

Não há muito Stepanoff, o chefe dos cabeleireiros duma grande casa teve de fornecer 150 cabeleiras para o filme de Marco Polo.

Ao que ele diz os encarregados da recolha, fazem-no uma vez por ano e, em certas casas as melhores amostras são tomadas com um ano de antecedencia.

As mais procuradas são as tranças naturalmente loiras, de certas escandinavas cujas tranças são pagas com notas de mil.

Em muitas casas este produto da cabeça humana, que não exige grandes despezas para se desenvolver em previligiadas cabeças, atinge preços fantasticos. O preço duma cabeleira vai muitas vezes até dois contos e, as das grandes estrelas atingem o preço de vinte contos.

UMA ESPADA DE NAPOLEÃO

No verão passado uma historica espada, que pertenceu a Napoleão, foi vendida em hasta publica, em Londres, por trezentos e cinquenta libras. A espada tinha sido tirada, por Joaquim Murat a Murad Bey, durante a campanha do Egipto. Em seguida Murat entre vários trofeus de guerra ofereceu-a a Napoleão, o qual a usava frequentemente e a tinha consigo na celebre batalha de Waterloo, onde acabou o brilho da estrela do celebre cabo de guerra.

Nessa ocasião passou a espada pare as mãos do Duque de Wellington, que a ofereceu depois

ao marquês de Auplesey e nos ultimos tempos tinha acabado por pertencer a uma colecção de Lady Dorothy Frazer. Neste leilão a espada foi comprada pelo conselheiro da Embaixada do Egipto em Londres, A. R. Hakki, por incumbencia da familia real do Egipto.

Passado mais dum século a espada do vencido voltou ao seu país de origem e era uma espada que não trazia fortuna aos que a usavam, porque se Murad Rey foi vencido, Joaquim Murat e Napoleão Bonaparte não tiveram melhor fim.

HIGIENE E BELEZA

A voz é um dos encantos femininos e nem todas as senhoras possuem, uma voz de sereia. Não me refiro á voz para cantar, que essa só as previligiadas possuem; mas a voz com que se fala, e que é um encanto ouvir, como vibrante cristal ou campainha de prata.

Uma voz bem timbrada e de harmonioso som, conquista a simpatia e é um grande atrativo. Ha pessoas roucas e outras que possuem uma voz gutural. Em geral êsse defeito provem de vegetações adenoidas ou paralisia das cordas vocais. Na Inglaterra ha escolas onde se ensina a falar e se modificam as vozes mal soantes.

Aqui não existem e quem tem uma voz desagradável tem de a tratar, experimentando as seguintes inhalações, consegue-se modificar a voz: Fazer evaporar durante um tempo a lume brando uma quantidade de água a que se mistura alcoolaro de raiz de aconito 15 gotas, essência de cravo 2 gotas, tintura de canela 2 gotas.

Aspira-se êsse vapor, formando um funil com uma fôlha de papel forte. Persistindo no tratamento a voz acaba por se modificar e torna-se mais suave.

RECEITAS DE COZINHA

Lombo de porco á Eva: Põe-se a macerar em vinho do Porto ou da Madeira, com sal, pimenta e uma pitada de colorau picante, um bom lanho de porco magro, assando-o no forno sem outro tempero, que não seja a sua própria gordura e o môlho em que macerou.

Não esquecer um pouco de azeite ou banha de porco no môlho. Como guarnição cozem-se espinafres, com pouca água ou nenhuma, escorrem-se picam-se e misturam-se com leite, manteiga e farinha prèviamente desfeita no leite, e deixa se ferver até formar um créme como esparregado, enfeita-se com triângulos de ovo cozido e tirinhas de pão frito.

Pombinhos com ervilhas: Faz se um refogado com cebola picada, azeite ou banha de porco. Deixa-se alourar: deita-se-lhe dentro os pombinhos partidos ao meio, pimenta, salsa, noz moscada, e deixam-se refogar lentamente os pombinhos durante 35 ou 40 minutos.

Logo que estejam tenros retiram-se da caçarola. No caldo que fica, refogam-se as ervilhas, e cebolinhas, que depois de prontas se servem á volta dos pombinhos como guarnição e acompanhamento.

DE MULHER PARA MULHER

Branca: Nunca uma mulher deve casar com um sentimento de vingança no coração. Aquele que deseja afrontar e a abandonou nada se importará, que case ou não com outro, e a êsse outro é uma afronta que faz e um ludibrio. Espere um tempo acalme a sua alma em tempestade, e se mais tarde vir, que êsse outro a ama ainda e que o poderá amar, case então e seja muito feliz.

E não se desespere não vale a pena chorar um ingrato e muito menos quando tem essa falta de sentimentos.

Triste: Por tão pouco não vale a pena estar triste. A sua mãi tem muita razão em querer ter a certeza de que não lhe fará mal fazer desporto. Só representa essa oposição o carinho maternal. Em geral quem tem essa doença precisa ter cuidados durante uns três anos. Depois se estiver curada como é de esperar e desejar fará tódos os desportos. O conselho de fazer desporto é para quem pode fazê-lo sem perigo e com vantagem para um organismo são. O que lhe fazia muito bem era ginástica respiratória com um bom médico. E não esteja triste, dê graças a Deus, de já estar tão bem.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. D. 2
Copas — A.
Ouros — 6, 5
Paus — 10

Espadas — R. V. 9	**N**	Espadas — — — —
Copas — R. 10	**O E**	Copas — — — —
Ouros — 8, 2		Ouros — R. V. 9
Paus — — — —	**S**	Paus — A. R. D. 9

Espadas — 7. 6, 5
Copas — D. V.
Ouros — A. D.
Paus — — — —

Trunfo copas **S** joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga A *p.* e R *p.*
S » R *c.*, **O** — A *c.* (a), **N** — 10 *o.*, **E** — 2 *c.*
O » D *c.*, **N** — V *o.*, **E** — 3 *c.*, **S** — 2 *p.*
O » V *c.*, **N** — D *o.*, **E** ou corta de R *e.*, que **S** recorta e faz os seus 3 trunfos separados, ou balda-se a R *o.*, cortando **S** com o 2 *e.*
S joga 2 *o.*, **N** — 3 *e.* e 4 *e.*, fazendo **S** o 3 *o.*

(a) Se quando **S** joga R *c.*, **O** — 8 *c.*, **N** — 5 *p.*, **E** — 2 *c.*, **S** — 2 *o.*, **N** — 5 *p*, **E** — R *o.* e qualquer carta que jogue só faz o A *o.*

Um peixe excêntrico

(Problema)

A cabeça de certo peixe mede cinco centímetros. O comprimento da cauda é igual ao da cabeça mais à quinta parte do corpo sem cabeça nem cauda. O comprimento do corpo é igual ao da cabeça, acrescentado com o comprimento da cauda.

Qual é o comprimento dêste peixe, desde a cabeça até à cauda?

Um «Rubens» em Moscovo

Descobriu-se uma tela desconhecida, de Rubens, no museu Pouchkine de Moscovo.

Êste museu havia recebido ultimamente uma tela em mau estado, atribuída a um pintor flamengo, desconhecido. Depois de restaurado, identificou-se êsse quadro como sendo de Rubens, devido a certos detalhes de execução e à descoberta, num canto, das letras latinas R. F. com que o genial artista assinava os seus quadros.

Os cavalos não precisam deitar-se para dormir. Um cavalo pode passar meses sem se deitar Isto torna-se possível porque o cavalo está provido, pela natureza, dum mecanismo muscular que lhe permite descançar as pernas embora se encontre sôbre elas.

As pancadas do relógio

(Solução)

Bate cento e cinqüenta e seis vezes, e não vinte e quatro como, de repente, parece que é.

O submarino não é uma invenção moderna. Bacon, escrevendo em 1620, diz: «Ouvimos falar numa estranha espécie de barco ou navio que se inventou agora para transportar homens por baixo de água». A primeira experiência com êxito deve-se a Bushnell, na América, em 1775.

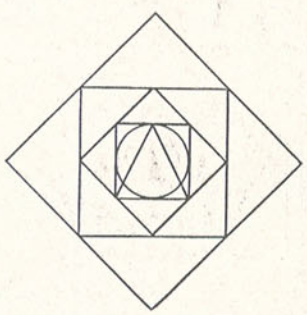
As idades do pai e do filho

(Solução)

O pai tinha 45 anos e o filho 15. Quando o pai tiver 60, o rapaz terá 30.

Traço contínuo

(Solução)



Poderão construir o diagrama que acima se vê com um traço contínuo, sem cruzarem nenhumas linhas nem passarem duas vezes pelo mesmo ponto?

Cálculos errados

Uma das maiores dificuldades que Edison tinha de vencer na escolha dos discos de fonógrafo, consistia em avaliar, ou antes adivinhar o gôsto do público.

Concluída e posta no devido ponto a sua invenção, Edison quis dar a sua opinião sôbre os discos; a seguir a uma audição, indicava o que pensava dêles, por três notas: bom, mediocre e mau, conforme o acolhimento que esperava da parte do público.

Mas as coisas tomaram uma feição bem diversa da que êle previa. Em breve se viu que os discos com a indicação «maus», obtinham um invariável êxito.

— Só me resta uma coisa a fazer, — declarou o inventor. — É arranjar uma quantidade de discos que considerarei «maus», e as fábricas trabalharão assim noite e dia.

Palavras cruzadas

(Solução)

		O	P	A		R	E	Z	
			A	B	■	H	A		
		P	E	R	D	E	I	S	
	S	E	■	A	A	A	■	E	U
P	O	D	A	■	■	■	M	A	R	É
	M	I	V	■	H	■	A	R	O	
		R	E	S	O	A	D	A		
			R	O	N	H	A			
A	P	U	S	■	R	■	M	E	S	A
	A	S	A	■	A	■	A	L	E	
A	N	A	O	■	■	■	S	E	I	O

Pode imprimir-se em fôlhas de vegetais desde que estas sejam lisas e sem pêlos.

As folhas da hera, por exemplo, prestam-se bem para estes trabalhos. Também se podem passar fotografias em folhas operando da maneira seguinte:

Envolve-se a fôlha em papel negro e deixa-se assim estar durante alguns dias. Depois retira-se o papel e põe-se a fôlha ao Sol durante um dia coberta pela chapa fotográfica negativa do retrato ou da vista que se quer impressionar. A folha, até êste momento, deve manter-se na árvore.

Depois de impressionada, corta-se e mete-se em água fervente durante um ou dois minutos, para que os tecidos morram; em seguida mete-se num banho de alcool, para se desidratar e descorar. Prepara-se uma solução de água oxigenada, onde se mete a folha, e revela-se uma curiosa fotografia de côr violeta.

Um dos autores mais fecundos de todos os tempos foi Didino, de Alexandria, duma vastíssima erudição e extraordinária capacidade de trabalho. Viveu no tempo de Augusto e escreveu mais de 4.000 obras, das quais repetia de cor, o título de cada uma, e que tôdas se perderam no decorrer de 20 séculos.

— O senhor já veio, Margarida?
— Não, minha senhora; foi o «Chibante» que a senhora ouviu rosnar ainda ha pouco.

(Do «The Humorist»).

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1938

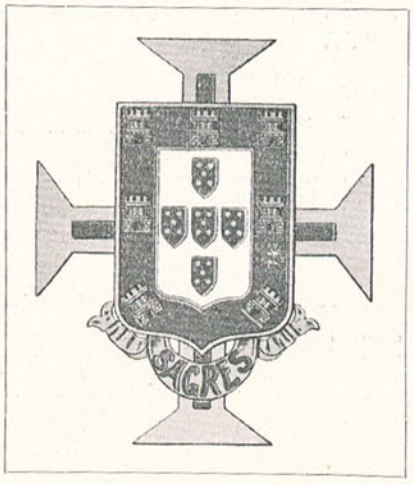
Esc. 21.045.116$72

Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1938

Esc. 15.863.803$97

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

---

Indispensável a Juízes e Delegados do Procurador da República, Notários, Funcionários policiais, Conservadores do Registo Civil, Câmaras Municipais (serviços notariais), Estabelecimentos prisionais, Estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO **DR. LUÍS DE PINA**

Professor da Faculdade de Medicina. Director do Instituto de Criminologia e do Arquivo de Identificação, Secção do Pôrto

A primeira obra, no género, em Portugal

Obra que versa tôdas as matérias respeitantes ao assunto, profusamente documentada com gravuras, tabelas, diagramas e estatísticas

Índice completo da legislação respeitante à identificação Civil e Criminal, à Dactiloscopia, à Policia científica, etc.

Completas indicações bibliográficas portuguesas e estrangeiras

1 vol. de 318 pág., formato 24 × 16 1/2, com desenhos do autor, **30$00**; pelo correio à cobrança, **33$00**

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 - LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sòmente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segrêdo de um berço
A vila das pombas
O calvário duma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Á VENDA

DESPORTOS EDUCAÇÃO FÍSICA E ESTADO

PELO DR. EURICO SERRA

1 vol. de 140 págs., broch. ..... **8$00**
Pelo correio à cobrança .... **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

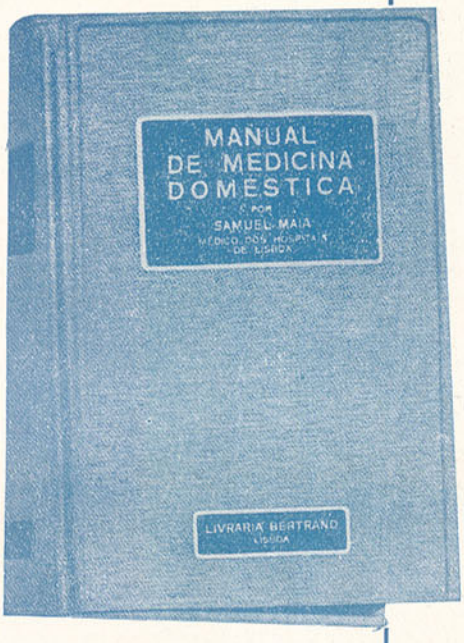
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente.** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

UMA NOVA EDIÇÃO

NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

★ ★

QUINTA EDIÇÃO

Actualizada na grafia e copiosamente ampliada

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinqùenta vocábulos do que a edição anterior

★

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19

com **2.400** páginas, aproximadamente

A LIVRARIA BERTRAND desejando facilitar a aquisição desta grande obra, resolveu fazer a sua venda em tomos de 80 páginas, a

Esc. 9$00 cada tômo

Pelo correio à cobrança, mais 1$20

Já está à venda o 1.º tômo

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA